

Francisco Carvalho

A CONCHA E O RUMOR



**UFC**

**CASA DE JOSÉ DE ALENCAR  
PROGRAMA EDITORIAL**

“Ainda aqui, vinda a nosso socorro, contra os desgastes do facilitário poético dominante, a arte desse magnífico mestre nos restitui a moral exemplar das obras-primas.

Uma poesia milagrosamente desliga da dessa escritura quase primitiva do verso que se dissipa por aí, atualmente, e não tem corpo. Muito menos alma. Confundindo os espíritos e os sentimentos. Ao contrário, nos concilia pelo tom quase perfeito das correspondências estéticas e emotivas com o simbolismo das imagens raras e das respostas felizes.

Na verdade, a poesia de Francisco Carvalho é um dos nossos mais caros orgulhos nacionais, sempre no sentido superior daquilo que oferece, tendo o quê, e daquilo que espera receber, não tendo nada”.

**Ascendino Leite/PB**

“Antes de mais nada, cumpre sublinhar o que há de rigor, **ostinato rigor**, na poesia de Francisco Carvalho, na qual impera, soberana, a grave e harmoniosa comunhão entre forma e fundo, entre o **que** e o **como** da expressão poética. E cabe fazê-lo já e já, em nome da própria sobrevivência da poesia, sitiada nos tempos que correm por toda sorte de simulacros e por esse irresponsável descomedimento formal que se pratica sob o signo da espontaneidade, ou seja, a daqueles que ainda acreditam que o verso livre é mesmo livre, esquecendo-se de que nenhum verso é livre o bastante para quem se disponha a escrevê-lo com um mínimo de competência”.

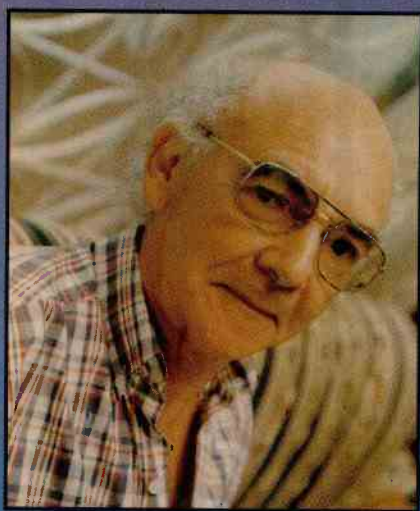
**Ivan Junqueira/RJ**

“Sempre que me indagam sobre a poesia brasileira e quais são os seus poetas mais representativos, eu nunca deixei de citar, entre os criadores poéticos maiores da nossa atual literatura, o nome de Francisco Carvalho. Faz parte de várias entrevistas minhas a reclamação indignada de volta e meia eu ler na imprensa literária a citação de muitos nomes do Rio e de São Paulo como “grandes” poetas contemporâneos (vários são, realmente; a maioria é, no entanto, de bons autores a meio-caminho; ou de iniciantes promitentes; ou medíocres, ruins de forma e de fundo) e não ver citado, **entre os realmente grandes**, este autor de uma enorme e autêntica e culturalmente valorosa obra poética que é Francisco Carvalho, um, repito, dos grandes poetas da literatura brasileira. Tudo o que venho de afirmar linhas acima aplica-se, **modus in rebus**, aos grandes poetas César Leal, do Recife, e José Chagas, de São Luís do Maranhão”.

Moacyr Félix/RJ

“Em essência, tem sido essa a força motriz que, há mais de quarenta anos, dinamiza a criação poética de Francisco Carvalho. Criação desde sempre atenta ao seu tempo e às “suas circunstâncias” (como diria Ortega y Gasset), e que, através de uma ótica pessoalíssima, tem incorporado as contradições e tensões do mundo-hoje, em acelerada metamorfose. *At last, but not the least*, voltamos a destacar, no universo poético de Francisco Carvalho, a já referida dominância de um certo **ritmo oracular**, que aprofunda a grandeza da linguagem, lembrando ora a inspiração bíblica dos **salmos**, ora o húmus do **epigrama** (em que o poeta é mestre)”.

Nelly Novaes Coelho/USP



Francisco Carvalho

" Parece que há duas pedras de toque para avaliar o quilate de um poeta. Uma delas é parar no meio de uma de suas estrofes e pensar: quem me dera que eu tivesse escrito este verso. Outra é quando suas palavras caem como um metal líquido derramado sobre o coração e ali tomam corpo e forma para sempre, como um sino de bronze ou a corda de bronze da viola. Francisco Carvalho, poeta maior, tem este quilate inconfundível. Como o boi de um de seus cantos antigos, ele pasta a memória dos que o pastoreiam e nos pune e nos ruma para sempre com a lembrança de um verso. A beleza é a coisa da poesia. Só ela dura para sempre. Esta é a qualidade da obra deste poeta maior, Francisco Carvalho, que grava em cada verso o contraste da beleza vera, aquela que funda o ser e permanece inesquecível aos que um dia a conheceram no tato da gema dos dedos ou das pupilas fascinadas."

Gerardo Mello Mourão

**UFC**

**CASA DE JOSÉ DE ALENCAR  
PROGRAMA EDITORIAL**

# A CONCHA E O RUMOR

Go querido amigo de  
te Nulto maerel, e  
maior atlonca e as  
homemagens do

Amor  
02/02/2000

## COLEÇÃO ALAGADIÇO NOVO

COORDENADOR

Antônio Martins Filho

CONSELHO EDITORIAL

Francisco Carvalho

Joaquim Haroldo Ponte

Geraldo Jesuino da Costa

CAPA

Assis Martins

ILUSTRAÇÃO DA CAPA

Desenho de Federico Garcia Lorca,  
dado ao autor pelo poeta Gerardo Mello Mourão

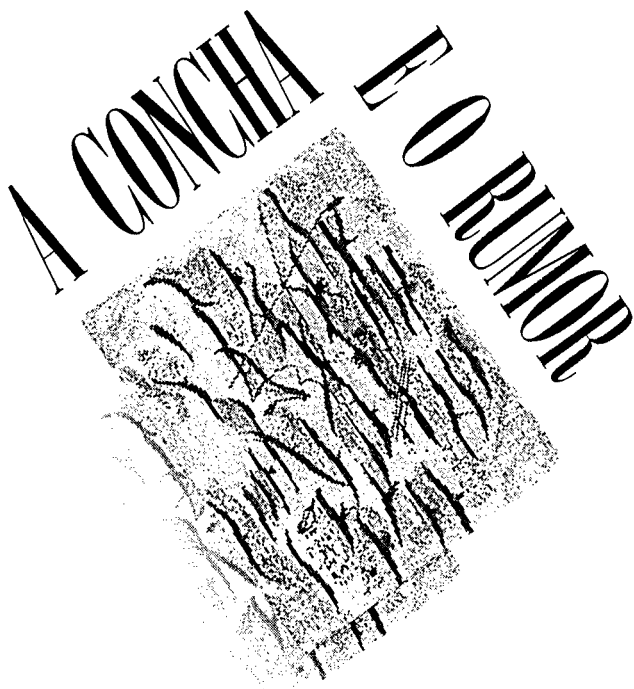
EDITORAÇÃO ELETRÔNICA

Carlos Alberto Dantas

A Concha e o Rumor

© 2000 Copyright by Francisco Carvalho

Francisco Carvalho



**UFC**

---

CASA DE JOSÉ DE ALENCAR  
PROGRAMA EDITORIAL

2000





E não me envergonhe, afinal, de haver manejado a enxada ou haver estimulado os bois vagarosos com o aguilhão.

*Álbio Tibulo*

TRAD. DE MARIA DA GLÓRIA NOVAK

Foge, invejoso, o tempo enquanto conversamos.  
Colhe o dia de hoje e não te fies nunca no dia de amanhã.

*Quinto Horácio Flaco*

TRAD. DE ARIIVALDO AUGUSTO PETERLINI

Homem feliz, aqui, entre os rios que te são familiares  
e as fontes sagradas, terás uma sombra fresca.

*Públio Vergílio Maro*

TRAD. DE ZÉLIA DE ALMEIDA CARDOSO

Aqui, dois versos bons, / três passáveis, mil ruínas.  
Outro modo não existe: / um livro se faz assim.

*Marco Valério Marcial*

TRAD. DE JOSÉ DEJALMA DEZZOTI

Eu sou a concha das praias  
que anda batida da onda.  
E, de vaga em outra vaga,  
não tem aonde se esconda.

*Antero de Quental*



Ao Professor ANTÔNIO MARTINS FILHO, uma das mais destacadas lideranças culturais do Ceará no século que passou, as homenagens do autor.



## SUMÁRIO

### PRIMEIRA PARTE – MEMÓRIA DO ARCO-ÍRIS

A Concha e o Rumor, 13 • Anatomia do Azul, 14 • Minibiografia, 15 • Memória de Sísifo, 16 • Um Rio e Seu Pastor, 17 • Marinha, 18 • A Tarde e o Mar, 19 • Pescador, 20 • Tercetos, 21 • Discurso do Rei de Corinto, 22 • Tangedor de Camelos, 23 • Anedota Mineira, 23 • Monólogo do Quixote, 24 • Espelhos, 25 • Sísifo e a Pedra, 26 • Forma no Espaço, 27 • Tudo Vale a Pena, 28 • Dançarina, 29 • Pastor de Cabras, 30 • A Tarde e os Tigres, 31 • Lâmpada, 32 • Assim Falava o Rei de Corinto, 33 • Memória do Arco-Íris, 35 • Testamento de Odisseu, 36 • Lapidador, 41 • Pote, 42 • Ovo Estrelado, 42 • Pedra, 43 • Rede, 43 • Vigília, 44 • Mesa, 44 • Lagarto, 45 • Andorinhas, 45 • Boi de Argila, 46 • Sapo, 46 • Viagem ao Campo de Centeio, 47 • A espiga de centeio que apodreceu, 48 • Vagamos pelas ruas de Gomorra, 49 • O crepe do vento é uma túnica, 50 • São rebanhos de vento, 51 • Passa o vento entre flores de hortências, 52 • É certo que Van Gogh, 53 • A nudez é um vinho, 54 • O herói e seu busto, 55 • A tarde cede lugar, 56

### SEGUNDA PARTE – EXERCÍCIOS DE UTOPIA

Sonho de Ópio, 59 • Milonga Para D. Quixote, 60 • Exercício de Utopia, 61 • Lobos & Homens, 62 • O Tempo e Suas Florações, 63 • Cadeira, 64 • Quinteto, 65 • Estandarte, 68 • Monólogo da Bengala, 69 • Égua da Noite, 70 • Nexo, 71 • Noite, 71 • Lágrima, 72 • Risco, 73 • Desenho de Cavalo, 74 • Canção do Rumor, 75 • Irene Revisitada, 76 • Pássaro de Tróia, 77 • Anjo Arcaico, 78 • Barca, 79 • Mãe Preta, 80 • As Tardes Emigram, 81 • Calvário, 82 • Mistério da Vaca, 83 • Retrato Falado, 84 • Engano & Esperança, 85 • Serpente, 86 • Dragão, 87 • Feira, 88 • Arauto das Sombras, 89 • Plantador de Girassóis, 90 • As Feras, 92 • Só, 93 • Receita de Viver, 94 • Conto Medieval, 95 • Rio do Tempo, 97 • Ritmo, 98 • Poema Fluvial, 99 • Harmonia, 100 • Paisagem Vista da Janela, 101 • Olhos de Peixe, 102 • Conjugação do Raio, 103 • Cupimetria, 104 • Estátua, 105 • Lendas de Um Rei, 106 • Desenho Musical, 109

### TERCEIRA PARTE – VIAGEM AOS SEIOS DAS VALQUÍRIAS

Pórtico, 113 • Desenho de Gustav Klimt, 114 • Onde Quero Estar, 116 • Fogo, 118 • Cantata, 119 • Seios de Palha, 120 • Paródia de Camões, 121 • Ode Mínima, 122 • Canção das Orquídeas, 123 • Cachorro Faminto, 124 • Rumor do Cio, 124 • Mandarim, 125 • Canção Para Guitarra Portuguesa, 126 • Soneto à Moda de GMM, 127 • Taça, 128 • Ode

Minúscula, 129 • Cantada Futurista, 130 • Pássaro da Noite, 131 • Azeitonas Maduras, 132 • Era uma Vez um Califa, 133 • Bengala, 134 • Invenção do Pecado, 135 • Éden, 136 • Código, 137 • Sentimento da noite, 137 • De Tanto Saber, 138 • Morrer de Amor, 139 • Camas Azuis, 140 • Noivas de Córdoba, 141 • Amor Virtual, 143 • Viagem Mística, 144 • Serenata Desesperada, 145 • Todos Vão ao Bar, 146 • Dona do Scio, 147 • Campo de Centeio, 148 • Prelúdio, 150 • Navegação, 151 • Desenho Erótico, 152 • Agora ou Nunca, 153 • Olhos de Raposa, 154 •

#### QUARTA PARTE – LIVRO DO ESPANTALHO

Coisas Pequenas, 161 • Confidências de Espantalho, 169 • Tempo, 170 • Strix Ulula, 171 • Pássaro Morto, 172 • Tristeza, 173 • Velório, 174 • Sonho de Espantalho, 175 • Tantas Perguntas, 176 • A Vida e Seu Curso, 177 • Anatomia da Vaca, 178 • A vaca recria o tempo, 179 • Arquivo Morto, 180 • Rio Morto, 181 • Os Mísseis, 182 • Balada da Moça do FMI, 183 • Protonotário, 184 • Reverência, 185 • Anjo Decaído, 186 • Retratos, 187 • Nudez, 188 • O Homem e a Bengala, 188 • Ode Cínica, 189 • O Homem e sua Cauda, 190 • Paixão Inútil, 191 • Elegia para Ninguém, 192 • Rio dos Ancestres, 193 • Duas Metades, 194 • Donos da Tarde, 195 • Sapos Músicos, 196 • Noite dos Cães, 197 • Anjo de Pedra, 198 • Chama Apagada, 199 • Epitáfio, 200 • Homem Lagarto, 200 • O Sono do Gato, 201 • Rascunho da Sombra, 202 • Copo de Insônia, 203 • Sombra, 204 • Enigma de Duas Faces, 204 • Tudo Velho Sob o Sol, 205 • Vinho do Porto, 206 • Poema Banal, 207 • Cio das Eras, 208 • Nunca Vi o Tejo, 209 • Invento, 210 • Se a Terra não Fosse Redonda, 211 • Tragédia Urbana, 212 • O Rio e os Remos, 213 • Nau do Corpo, 214 • Poeira, 215 • Todos Somos Descartáveis, 216 • O Vento é teu Epitáfio, 217 • Taça de Areia, 218 • Vida, 218

#### QUINTA PARTE – DISCURSO DA IRA

Fragmentos de Uma Épica do Cotidiano, 221 • Discurso da Ira, 228 • Políglotas do Planalto, 229 • Discurso do Rei para os Nordestinos, 230 • Canção do Fosso, 231 • O Inferno São os Outros, 232 • Parabólicas, 233 • Mesa Quadrada, 233 • Babuínos, 234 • Ciência, 234 • Os Abutres, 235 • Ceia Amarga, 236 • Aventureto, 236 • A um Rei que Vai Morrer, 237 • Anatomia do Poder, 239 • Capitalismo, 240 • Bicho Pequeno, 241 • Um dia Depois do Outro, 242 • Morte de Antônio Conselheiro, 243 • Discurso das Medalhas, 244 • Sapos Elétricos, 245 • Mito, 246 • Aos Mortos do Timor Leste, 247 • Canção do Imergente, 248 • Os Tristes e os Contrastes, 250 • Ninguém é um Deus, 251 • Muro, 252 • Ser de Pedra, 253 • Cretinos & Suínos, 254 • Canção do Pobre, 255 • Tempo dos Visigodos, 256

Primeira Parte

# MEMÓRIA DO ARCO-ÍRIS

E o novo e puro amor de que sou feito,  
Como a matéria simples busca a forma.

*Camões (Sonetos)*





## A CONCHA E O RUMOR

*d*o rio e suas larvas  
da fronde e seus ovos

a concha e o rumor

do mar e da espuma  
do tempo e seus limos

a concha e o rumor

do corpo e seus vértices  
do amor e seu pólen

a concha e o rumor

da chuva e do vento  
da ostra e da bússola

a concha e o rumor

da noite e sua quilha  
do inverno e seu rúmen

a concha e o rumor

da morte e sua carícia  
esculpida na pedra

a concha e o rumor

## ANATOMIA DO AZUL

*Para Márcio Catunda*

Enquanto o tempo refaz  
a sua medula de água e espuma  
os guardiões da miséria  
tocam flauta.

O povo exhibe o seu dorso de  
dragão chinês feito de papel crepom  
sai à procura do adágio  
das ruas, da solidariedade dos  
cães e dos mendigos.

Um pássaro ressuscitado pelo vento  
pastoreia a anatomia do azul.  
Podre é a luz que nasce  
da pedra cancerosa.

A volúpia das orquídeas vaza da taça  
da noite por cima do cio  
dos gatos.

A morte, vestida de espantalho,  
passa rente à plumagem de  
fogo dos espelhos.

Ouve-se o badalar de  
um sino para além das colinas  
e do peito incendiado de Homero.  
O rei de Tebas foi achado morto e teve  
o fígado dilacerado por abutres  
e estilhaços vindos do céu.

## MINIBIOGRAFIA

*N*ão sou moderno  
também não sou antigo.  
Sou o mendigo que trapaceia  
por trás do postigo.

Sou o que penso  
e jamais o que digo.  
Aprendo nas ruas  
que o inferno é estar vivo.

Melhor morrer no asfalto  
do que ter inimigo  
ter um barraco na favela  
do que ter um jazigo  
com versos de Petrarca no  
mármore antigo.

Às vezes trago  
metáforas de trigo.  
Meus versos não servem para nada.  
Ser poeta é como ter  
o corpo dizimado pelo vitiligo.

## MEMÓRIA DE SÍSIFO

*É preciso imaginar Sísifo feliz (ALBERT CAMUS)*

*F*ui rei de Corinto por dilatados anos.  
Com Mérope tive alguns filhos.  
Vi quando Egina foi raptada por Júpiter.

Por causa duma inocente fofoca  
o poderoso Júpiter me enviou a morte.  
Descartei-me dela, todavia fui obrigado

a acompanhá-la até os Infernos.  
Quis voltar à terra, mas o Senhor do reino  
dos mortos decidiu o contrário.

Fui por ele condenado a rolar uma pedra  
do alto da montanha dos Infernos  
onde o abismo é um jardim de labaredas.

Toda vez que chego ao cume da escarpa  
a pedra rola montanha abaixo  
e tudo recomeça de novo.

Porque não sou pessimista  
algum dia a rocha do Inferno rolará  
das minhas mãos sobre a corja dos deuses.

## UM RIO E SEU PASTOR

*J*á fui pastor de um rio  
que acariciava a nudez aveludada  
das moças da aldeia.

Um rio contemplado pelas conchas  
de corpo semelhante ao de uma  
flauta no tempo do cio.

Um rio de olhos marejados  
que passava os dias irrigando  
as relvas das coxas das lavadeiras.

Sou um pouco da memória desse rio  
que amamentava os pássaros  
com o leite das nuvens.

Já fui pastor de um rio  
que desaguava às portas de Lisboa  
sem saber que era o Rossio.

O s metais do mar  
cintilam na tarde finda  
odor de peixe podre  
nos barcos ancorados.

Presságios de luar  
mas não é noite ainda  
vestígios de escama e alga  
flamejam na retina.

Fanais lançam nas águas  
do mar seus estilhaços.  
A tarde já se deita  
nos barcos ancorados.

## II

Nas tardes de vento e espuma  
chega o odor das entranhas do mar.  
Cheiro de escamas e memórias naufragadas.

Cheiro de alcatrão, cheiro  
das vagas martirizadas pelas rochas  
cheiro de oceanos sonhados pelas gaivotas.

Nas tardes de maresia e de âncoras  
lenços molhados de adeuses  
acenam para os mortos.

**A TARDE E O MAR**  
*Para Marly Vasconcelos*

*A* tarde  
feita de areia  
e espuma  
desliza sobre romarias de  
folhas e dunas  
desenhadas pelo vento.

O mar, tigre  
no cio  
ruge num horizonte longínquo.

A noite se aproxima  
com sua cauda  
de sombras, leopardo  
a caminho  
de uma ceia de abismos.

A luz já recua.  
E a tarde, em chamas,  
se deita  
no gume de foice da lua.

*A* noite o encontra na rede  
de corda.  
Acende o cigarro de palha  
e a fumaça  
o leva  
de volta às dinastias do mar.

O peixe, arisco, não lhe  
rende nada.  
O sonho  
a casa de palha  
a jangada sem mastro  
e sem vela.  
A vida sem rumo  
o cheiro das entranhas do mar  
cheiro de prostituta  
bêbada que  
lhe entra pela janela.



## TERCETOS

*Para Carlos d'Alge*

Bom é ser de carne e osso  
seduzir na hora certa  
e entrar pela porta aberta.

Bom é ver o firmamento  
passar e olhar de cima  
o dorso arcaico da rima.

Bom é mover os remos  
de prata da nau de Eros  
rumo às colinas de Homero.

Bom é escutar a fala  
dos mortos e seus violinos  
em noites de chuva e limo.

Bom é saber que o poema  
renasce a cada minuto  
das cinzas do nosso luto.

Bom é fustigar a égua  
da noite e seguir na frente  
do apocalipse iminente.

Bom é despir a máscara  
de alvaiade, estar no centro  
do palco e não estar dentro.

Bom é, sendo ou não sendo  
parte do todo infinito,  
mamar no seio do mito.

## DISCURSO DO REI DE CORINTO

É do conhecimento de todos os mortais.  
Depois que Júpiter, o raptor de  
Egina, me enviou a Morte,

fui obrigado a acompanhá-la  
às profundezas dos Infernos. Também  
sabem que no reino dos mortos

tenho de carregar uma pedra  
até o cume da montanha de Lúcifer,  
deixá-la rolar e erguê-la de novo.

Assim têm sido meus dias e minhas noites  
no reino das sombras. Mas não  
desisto de seduzir a pedra.

Na eternidade o tempo não passa.  
Eu e a pedra somos iguais  
a dois amantes fulminados pelo êxtase.

Imagino que numa possível rebelião das esferas  
a pedra esquecerá de mim, e estarei livre  
pelos séculos dos séculos. Amém.

## TANGEDOR DE CAMELOS

*A*rabe, tangedor de camelos  
íntimo do deserto  
e das areias  
tocava lentamente as caravanas  
guiado pelo odor da água  
a setenta léguas  
de algum oásis sonhado  
pelos beduínos  
e também pelo cheiro de sândalo  
dos seios das dançarinas  
ao luar dos gumes das adagas.

## ANEDOTA MINEIRA

*A*bem da verdade  
ele não era  
um poeta adamantino.  
Era apenas  
um poeta diamantino  
porque nascera  
em Diamantina, cidade  
das Minas Gerais.

## MONÓLOGO DO QUIXOTE

Sei que pareço estúpido com a minha  
espada de cavaleiro  
dos tempos medievais.

Sei que zombam de mim  
das costelas expostas do meu cavalo  
e do burro do amigo Sancho.

Sei que tudo não passa de um sonho  
que a minha vida se confunde  
com os moinhos de vento.

A lâmina do sarcasmo não me atinge.  
Continuo celebrando os encantos  
das donzelas de Espanha.

Se as minhas bravatas provocam riso  
se agradam às almas pequenas  
haverão de servir para alguma coisa.

Deixo à eternidade o legado das minhas  
ilusões. Combati o bom combate.  
A lua de Espanha será meu epitáfio.

## ESPELHOS

*Para Linhares Filho*

Os espelhos de Borges e a diversa plumagem das palavras. Os recintos da ira e do sarcasmo. Os labirintos e espirais das metáforas do persa.

A velhice dos homens e dos deuses e o galope incessante das esferas em suas órbitas de fogo. As eras ceifando as horas e engolindo os meses.

A fuga do guerreiro e do ciclope. O dorso do crepúsculo já avança na sombra que se extingue e continua.

A tarde chega ao fim sem que se note. O vento cambaleia na faiança onde um fauno se despe para a lua.

## SÍSIFO E A PEDRA

*Para Majela Colares*

*D*e tanto tempo que faz  
que vivo abraçado à pedra  
meu corpo já se mistura  
ao sangue que sai da pedra.

Nas longas noites do Inferno  
às vezes a minha sombra  
salta do meio das chamas  
e vai em busca da pedra.

Enquanto me entrego à pedra  
à morte e a seu pastoreio  
a pedra me acaricia  
e às vezes me oferta o seio.

Aos deuses que me castigam  
e me envolvem nessa trama  
aos deuses que me têm ódio  
direi que a pedra me ama.

Direi que o tempo é a mortalha  
dos argonautas da treva  
que já fui rei de Corinto  
o maior dos reis da terra.

## FORMA NO ESPAÇO

*(Sobre escultura de Oscar Niemeyer)*

Súbita forma de flor  
em seu caule de antúrio.  
Exata como um pêndulo de prata.

Tão leve quanto o vôo  
de um pássaro roçando o vértice  
do infinito breve.

Forma tão pura de  
esculpir a fugacidade  
do mito que nos pastoreia.

Forma de asas que arrulham  
à espera da liberdade  
e do seu pólen.

Forma que respira  
os frêmitos do azul. Forma  
do enigma que se debruça em si mesma.

Forma de água límpida que não se turva.  
Concha da mão que acaricia  
a luxúria da curva.

## TUDO VALE A PENA

Tudo vale a pena  
se o amor é coisa plena  
e cristalina.

Tudo vale a pena  
se no lugar da avena  
o pólen que germina.

Tudo vale a pena  
se a unidade e a dezena  
formam a unidade trina.

Tudo vale a pena  
se a morte não te acena  
do topo da colina.

Tudo vale a pena  
se mudas o poema  
em cobra dançarina.

Tudo vale a pena  
se Ana Bolena  
te bolina.



*A* noite se desprega  
das bordas do hemisfério.  
A lua, dançarina  
gótica em seu trapézio.

O cristal dos ruídos  
se parte nos rochedos.  
Os lagos são retinas  
das asas dos morcegos.

Espíritos vagueiam  
entre augúrios e raios.  
Jorra sangue dos olhos  
dos lobos, e presságios.

O pio das corujas  
amola a sua foice.  
O mistério gorjeia  
nas artérias da noite.

A alma escuta o som  
desses mistérios todos.  
E o clamor dessas luas  
que pastoreiam os lobos.

## PASTOR DE CABRAS

*Para Virgílio Maia*

*F*ui pastor de cabras  
e de rios secos  
rezei pelas vacas que morreram de sede  
e os bezerros que ficaram  
órfãos e foram alimentados com  
o leite dos pássaros.

Rezei pelas vértebras da paisagem  
pelo sangue das pedras  
pelas árvores e seus esqueletos  
de faraós, pelas portas  
fechadas das casas onde a lua  
dialoga com os mortos.

Rezei em memória do vento  
que à noite pastoreia  
as lavouras soterradas de meu pai.

Rezei pelos seios da terra  
pelo aniquilamento dos pássaros  
pela volta da chuva  
e a diáspora das borboletas.  
Rezei pelos naufragos do amor  
do tempo e da eternidade.

Rezei pelos espantalhos de braços abertos  
rezei pelos afogados daquele rio  
que não seca nunca.

## A TARDE E OS TIGRES

*Ao poeta Sinésio Cabral*

*A* tarde vem chegando a passo tardo  
quando os tigres dardejam nas clareiras.  
O ocidente são brasas de fogueiras  
da mesma cor do cio do leopardo.

Vêm do albatroz esses murmúrios largos  
das ondas que deslizam nas ladeiras.  
Os aromas dos vinhos pelas eiras  
falam de amor no cântico dos bardos.

Essa tarde de Ulisses, essa tarde  
de Tróia consumida pelo fogo,  
não dorme o herói na tumba do covarde.

O fulgor dessa tarde é seu epílogo.  
A lâmpada dos deuses já não arde.  
Perde-se o homem nesse inútil jogo.

*A* límpida  
lâmpada do pórtico  
clareia o óbito.

A pálida  
lâmpada do mármore  
clareia a lápide.

A lâmpada do vértice  
corta a pirâmide  
e sua hélice.

A lâmpada do  
viático incendeia  
o pássaro do paráclito.

## ASSIM FALAVA O REI DE CORINTO

Digo às matilhas da noite  
e às alvoradas do olimpo  
confesso à sombra de Ulisses  
que já fui rei de Corinto.

Sabem deuses e mortais  
sabe o abismo que não minto  
quando confio às entranhas  
que já fui rei de Corinto.

Perdi a voz e a memória  
nestas paragens de absinto  
porém as trevas me dizem  
que já fui rei de Corinto.

Digo às estrelas mais altas  
do firmamento o que sinto  
digo à infausta romaria  
que já fui rei de Corinto.

Digo às harpas das escarpas  
e aos mortos deste recinto  
digo ao sol da eternidade  
que já fui rei de Corinto.

Digo aos ventos que arrebatam  
as folhas do terebinto  
digo às serpentes do Letes  
que já fui rei de Corinto.

Digo ao céu, que esmaga a terra  
no centro de um labirinto  
digo aos anéia de Saturno  
que já fui rei e Corinto.

## MEMÓRIA DO ARCO-ÍRIS

*Ao amigo Pardal, a poesia no conto*

O vento veio de um ponto remoto do céu  
destelhou as casas do povoado  
dispersou as cabras e os cabritos  
arrancou os mourões de aroeira dos cercados  
varreu as águas dos rios, o limo  
das cisternas que restaram do dilúvio  
mudou em sangue o leite das vacas paridas  
dizimou os bezerros e as galinhas  
alterou o ciclo menstrual das meninas  
as mulheres casadas perderam o cio, os seios  
murcharam, os ventres ficaram estéreis  
os homens, sem desejos, não foram mais  
aos bordéis, o padre fechou as portas da igreja  
só os morcegos cambaleavam pela  
sacristia com as asas dilaceradas pelo vento.  
Quando tudo acabou, o tempo já não era o mesmo  
as pessoas mudaram de rosto nas fotografias  
as noites ficaram mais longas, os dias  
mais curtos e os mortos, expulsos  
de seus túmulos, voltaram a ser parte da velhice  
da chuva e da memória do arco-íris.

## TESTAMENTO DE ODISSEU

*Para Ivan Junqueira*

Sou filho de Laertes, diz a lenda  
sonhada por Homero tantas vezes.  
Passei dez anos na fogueira horrenda  
dos mitos e dos deuses.

Dizem que em Tróia estive entre os primeiros  
não desonrei os meus antepassados.  
Vi com tristeza alguns dos companheiros  
em porcos transformados.

Abandonei Penélope e os borregos.  
As velas e os meus sonhos naufragaram  
no abismo que destrói.

Junto de Aquiles me encostei aos gregos.  
Os meus infortúnios não terminaram  
quando voltei de Tróia.

## II

Ao regressar de Tróia ao solo pátrio,  
meu coração transborda de veneno.  
Canalhas profanaram os meus lençóis  
de linho cor de feno.

Fui dormir com as ovelhas e os cavalos.  
Virei mendigo aos olhos dos rivais  
e deles me vinguei com a mesma espada  
que herdei dos ancestrais.



Voltei a meu palácio, à minha esposa  
e ao meu cão de linhagem generosa  
que me guardou no faro

enquanto estive à ilharga dos troianos  
lutando contra a fúria de seus dardos,  
seus deuses e seus danos.

### III

Mil noites passei em claro  
saudoso do sol de Ítaca.  
Descendo dos argonautas  
da grande alvorada mítica.

Ainda escuto as espadas  
e o som de seus brilhos verdes.  
Vejo os fantasmas de Tróia  
ardendo nas labaredas.

As palavras de Telêmaco  
(sábias e honestas palavras)  
que lhe saíam da boca  
com o resplendor das adagas.

Negros olhos de Penélope,  
abaixai vossas pestanas  
que Odisseu está de volta  
para arder em vossas chamas.

Já teceste minha túnica  
com a lã das madrugada.  
Vosso corpo cheira ao cedro  
das lareiras apagadas.

## IV

No tempo dos rebanhos e das flautas  
jamais pensei juntar-me à romaria  
dos deuses e argonautas.

Nos campos de meu pai passava os dias.  
À noite os adivinhos me embalavam  
ao sol das utopias.

De sonhos maus liberta, a minha fronte  
circundava os extremos do hemisfério  
de horizonte a horizonte.

Perdido andei por caminhos incertos.  
Por onde estive, sempre estive a audácia  
das flechas de Laertes.

Sangrei um javali de oitenta quilos  
de cuja pele fiz soberba túnica  
para o altaneiro Aquiles.

Meu corpo são repousava na idéia  
da harmonia. Minha força transbordava  
dos peitos de Anticléia.

No céu de Homero a luz era uma jóia  
na tarde em que os vencidos me ofertaram  
as vértebras de Tróia.

## V

Cedo me ensinaram  
o valoroso ofício  
de remador de barcos.  
Cedo aprendi com meu pai  
o manejo das flechas e dos arcos.

Imberbe ainda  
o mar me seduziu.  
Em Ítaca, nos longos estios  
desfraldei aos ventos  
as velas dos meus doze navios.

À luz das órbitas de feno  
das alimárias, meditei  
em noites de chuva e raio.  
Devassei a terra dos escorpiões  
em meu cavalo baio.

As cordas do meu alaúde  
celebraram deusas e suas mechas.  
Os tigres mais robustos  
desmaiavam ao assobio das  
minhas aladas flechas.

Cedo aprendi com  
meu pai que a soberba destrói  
o mito. E que aos mortais  
não basta vestir  
a mortalha do herói.

## VI

Se me lembro de Tróia devastada,  
às vezes me atormento, às vezes me interrogo.  
Do filho de Laomedonte a altiva espada  
foi vencida pela soberba e pelo fogo.

Príamo não resiste ao longo assédio  
dos gregos, que não se contentam com migalhas.  
Ilo deve ter chorado de tédio  
no túmulo, ao fragor das troianas muralhas.

Tudo isso se passou, segundo a lenda,  
como se tudo fosse uma verdade escrita  
com sangue no pergaminho, na fenda  
de uma pedra ou no mármore cosmopolita.

Nem Príamo nem o jogral, vestido  
com a sua túnica de pele de bisonte...  
Só os ventos do vórtice infinito  
choraram sobre as cinzas do rei Laomedonte.

Aqui lutaram com bravura e afinco  
o guerreiro valente e o soldado bisonho.  
Os grandes deuses sabem que não minto.  
Tróia foi uma luz que não passou de um sonho.

## LAPIDADOR

*Para Sânzio de Azevedo*

*T*u lapidavas o ouro dos tigres  
de Bengala. Eras profeta e mago.  
Foste rapsodo às portas de Cartago  
num tempo de adivinhos e de intrigas.

Decifravas a esfinge dos espelhos,  
seus vaticínios e seus dialetos  
de luz e sombra. Teoremas, sonetos  
de Gôngora, as diásporas dos velhos.

Vêm de Madrid os ventos de Toledo.  
Trazem canções e estrofes de Quevedo  
que inundam toda a Espanha com seus raios.

Agora, que os touros morreram, podes  
cantar os labirintos, os desmaios  
das tardes e as revoadas das odes.

No pote a água que vem  
do poço (sabor de lua).

Na água o rosto que já não  
vejo mas continua.

Água do pote que vem  
do arroio para a cisterna.

Água de argila semeia  
o pólen da vida eterna.

**OVO ESTRELADO**

*Para Astrid Cabral*

Parece um olho que nos  
contempla das profundezas

do ser exausto. Olho  
de pássaro flechado em vôo.

Olho de estrela que  
foi expulsa de sua órbita.

Parece um olho que já  
não chora por sua lágrima.

## PEDRA

*P*edra porosa de amolar  
facas, foices, punhais.

Pedra da escarpa polida  
pela chuva e os lagartos.

Pedra onde o vento semeia  
espigas, asas de abelhas.

Pedra onde às vezes brota  
o esporão de rosas vermelhas.

## REDE

*N*a rede branca dormiu  
a noiva antes do rapto.

Ainda perdura o odor  
de relva do corpo amado.

Ao sol do linho, curvas  
e montes, conchas, relevos

pulsam nas veias da rede.  
A noiva na égua da noite.

## VIGÍLIA

*N*avega o morto na sua  
barca. Vozes, sussurros

olhares, súplicas, gestos  
e aromas de rosas fúnebres.

De gesso, o Cristo a tudo  
assiste. Velas de cera

nos candelabros. O silêncio  
dói mais que as palavras.

## MESA

*M*esa e faiança: tudo exala  
odor de vinho e seio.

Erguem-se brindes (vivos  
e mortos) a um deus de areia.

Taças repletas, risos  
de prata, fímbrias de seda

roçam de leve por entre  
as nádegas dos violoncelos.



## LAGARTO

*M*anhã de agosto, frescor  
de orvalho em cada coisa.

O sol no vértice cai  
de maduro sobre o lagarto.

Pastor de abelhas, mastiga  
as víboras e engole os raios.

Ao sol dos cactos, na pedra  
em chamas sonha o lagarto.

## ANDORINHAS

*A*s andorinhas pousam  
na tarde. Rumor de asas

cavalga o espaço, rumo  
às espumas do fim do dia.

As andorinhas descem  
das nuvens, pousam nos fios

da rede elétrica. Harpas  
sem cordas, as andorinhas.

## BOI DE ARGILA

O boi de argila não pasta  
a relva nem bebe o rio.

Rumina o vento que muge  
à noite nos descampados.

O boi adivinha o cio  
das novilhas no pastoreio.

Sonha com o sangue dos  
bois expostos em nossa mesa.

## SAPO

O sapo é feio mas o seu  
canto clareia as trevas.

Sua guitarra de seresteiro  
acorda o sol e os galos

da madrugada. O sapo  
é feio mas a matéria

de que ele é feito preserva  
a música da eternidade.

## VIAGEM AO CAMPO DE CENTEIO

Somos a sombra da nuvem aprisionada  
nos labirintos da água. Erguemos  
um brinde à sedução da matéria  
ao corpo e suas galáxias de cristal.

No limiar da vertigem a morte  
nos visita, que é tempo de ceifa.  
Mas a morte não nos ensina  
as suas enfurecidas caligrafias.

Somos a memória atirada aos abutres.  
O mito ardendo na sua chama  
o mito decapitado pelas  
hélices de todas as rotinas.

Somos e não somos o argonauta  
da libido. Anjo sem órbitas  
que desfolha o sexo das amadas  
com seus dedos e adagas.

2

Somos e não somos a palavra  
e seu precário esplendor. A palavra  
e sua placenta tatuada de sangue  
recendendo à memória dos peixes.

A espiga de centeio que apodreceu  
no celeiro. Orquídea ressuscitada  
na lama. Somos o músculo do primata  
que rompeu o hímen das eras.

Somos a face do sarcasmo  
a ruptura das coisas, o visgo  
da ausência e da luxúria  
o fel que transborda do adeus.

Somos vassallos de um rei destronado  
pela volúpia. A face arcaica  
do rei e sua memória degolada  
pelo alfange de todos os remorsos.

### 3

O espantalho de sexo de vidro  
que teve a sua genitália  
mutilada pela cólera dos pássaros.  
O palhaço de um circo que pegou fogo.

O domador que fugiu com a trapezista  
e foi morar na toca das raposas.  
Aquele que rasgou a máscara  
de argila e foi vaiado pela platéia.

Somos o que não sentimos  
vassallos da solidão e do pecado  
cinzas de labaredas apagadas  
o albatroz que se afogou no mar.

Vagamos pelas ruas de Gomorra  
depois de sermos expulsos pelo anjo.  
Somos a romaria de fantasmas que atravessou  
as arcadas de cinza da cidade maldita.

#### 4

Somos o tempo esvaído, o tempo  
coagulado em nossas artérias.  
O tempo que germina além dos sentidos  
e apodrece dentro de nós.

Somos a raiz de fogo que dilacera  
a intimidade da pedra e da seiva.  
Tecedores de utopias e de mortalhas  
de organogramas e de orgasmos.

Somos a eternidade que se escoia  
entre os dedos e pétalas dos minutos.  
Um rio que deságua noutro rio  
mas continua inteiro em suas conchas.

Guardamos reminiscências de papiro  
em gavetas de cedro e de cimento.  
Cada qual escreve seu epitáfio  
e desenha o contorno de sua mortalha.

## 5

O crepe do vento é uma túnica  
de espantalhos. O vento pastoreia  
os dias e as espigas. Tudo  
amadurece no celeiro das idades.

As utopias da próxima estação  
já não as veremos em nossa porta.  
Sonho que já não muda de pele  
recende a esqueleto de coisa morta.

Somos o palhaço que raptou  
os seios e o hímen da trapezista.  
O picadeiro onde os leões  
foram substituídos pelos gatos.

O circo devorado pelas labaredas  
do zodíaco, ao luar das cordas  
das guitarras. Os funerais do circo  
e seus mastros de navio que naufragou.

## 6

*Para Stella Leonardo*

São nuvens amarelas  
no horizonte de fogo  
esqueletos de arcanjos  
pintados por Van Gogh.

São rebanhos de vento  
noivas de espuma e orvalho  
que desenham no céu  
seus movimentos claros.

São sombras desse povo  
ou leite desses ubres  
de lobas que amamentam  
deusas de ovários rubros.

São nuvens bailarinas  
sonhadas pelas noivas  
cujos rastros de vinho  
tornam rubras as coisas.

São formas que se abraçam  
entre línguas de fogo  
cabeças de cavalos  
pintadas por Van Gogh.

7

Passa o teu corpo expulso das sombras  
e o cristal lapidado pelas ondas.

Passa a romaria dos deuses gregos  
com seus vassalos e seus mantos negros.

Passa a pastora com seu pastorzinho  
e o frescor dos seus peitos de linho.

Passa o vento entre flores de hortênsias  
e borboletas de orelhas imensas.

Passam as águas do rio de Heráclito  
sob o olhar do sábio e do mentecapto.

Passam mendigos embaixo da ponte  
choram por eles as águas da fonte.

Passa o marulho dos teus vestidos  
e ergue a fímbria dos meus sentidos.

Passam os reis condenados à forca  
e jograis cantando versos de Lorca.

Tudo passa entre o céu e o mar.  
Só não passa o desejo de ancorar.

## 8

A história nos ensina  
desde o arco-da-velha  
que Vincent Van Gogh  
decepeu uma orelha.

Também dizem que o espaço  
virou uma centelha  
no instante que Van Gogh  
decepava a orelha.



É certo que Van Gogh  
desenhou uma abelha  
com o sangue que jorrava  
do pedaço da orelha.

O que todos não sabem  
é que o sangue da orelha  
era a asa amarela  
de uma rosa vermelha.

## 9

Para a maioria das pessoas  
a morte continua sendo  
uma coisa inventada  
por algum adivinho.  
Principalmente se ela  
acontece na casa do vizinho.

## 10

Ergue a tampa da tumba onde dormes  
em paz, mas não voltes nunca  
aos vestibulos da cidade maldita.

Então eles já terão destruído  
as pilastras e obeliscos de algarismos  
com seus flatos de baleia.

O vento apagará as parábolas dos cretinos  
que hoje semeiam utopias e epitáfios  
no coração do povo dilacerado.

## 11

A nudez é um vinho  
que nos embriaga  
um vinho que bebemos  
à espera da morte.

Um punhal de luxúria  
cravado em nosso peito  
punhal que nos ensina  
a carícia da morte.

A nudez é uma teia  
de volúpia e cristal  
nessa teia balouça  
o sudário da morte.

## 12

As secretas portas do teu corpo  
se abriram para mim.

Desci às vertentes de limo  
do rio de tuas artérias  
voltei à memória dos tempos  
aos primórdios da concha e da nudez  
aos ácidos de tua sedução  
ao cerne do cerne.

Vivi a plenitude do amor.  
Mergulhei no lago salgado do êxtase  
como se voltasse à infância do mito e das eras.

### 13

O herói e seu busto  
à sombra do arbusto.  
Nada mais justo.

Aos ventos da história  
o busto e a memória  
perdem fama e glória.

Sarcasmo que dói:  
o tempo destrói  
as medalhas do herói.

O herói e seu mito  
seus pés de granito  
seu tédio infinito.

### 14

Tarde que nos acaricia com a sensualidade  
da cauda de um gato.

Tarde que se evapora pelas rachaduras  
dos cascos dos navios.

Tarde que enxuga os cabelos molhados  
na cauda do arco-íris.

Tarde consumida pelos ácidos do orgasmo  
e a volúpia das marés.

Tarde que desenha nas entranhas da alma  
o emblema do adeus.

15

A tarde cede lugar  
à noite que vem do mar.

Pingam gotas de lua  
nos seios da moça nua.

O vento refaz as rotas  
sonhadas pelas gaivotas.

Um peixe azul se insinua  
nas coxas da moça nua.

Odor de amoras e amores  
na tarde que alonga as horas.

Sou uma nau que flutua  
nas ondas da moça nua.

Segunda Parte

# **EXERCÍCIOS DE UTOPIA**

Se por experiência se adivinha,  
Qualquer grande esperança é grande engano.

*Camões (Sonetos)*



## SONHO DE ÓPIO

*A*s vezes preciso sonhar  
que não sonho  
que tudo é real como um sonho  
que tudo não passa de um sonho irreal.  
De um sonho de ópio.

Às vezes preciso sonhar que não sinto  
que pareço o que não sou.  
Um objeto de carne e fantasia  
um Pierrot sem máscara  
à deriva das tentações da alma.

Às vezes preciso acreditar que  
sou apenas um sonho.  
O sonho de um bêbado que tropeçou na lua  
e a lua era a metamorfose  
de uma garrafa de vinho do Porto.

Às vezes me encontro à beira do sonho  
às vezes me sonho náufrago de um sonho  
na encruzilhada de todos os dilemas.

Às vezes desperto do sonho  
e percebo que tudo na vida não passa de um  
sonho sonhado há muito tempo.

## MILONGA PARA D. QUIXOTE

*Ao grande poeta Alencar e Silva*

Teu velho Rocinante  
de pelagem castanha  
semeia a liberdade  
dentro e fora da Espanha.

Teu sonho pastoreia  
as terras que o Douro banha  
o direito à esperança  
dentro e fora da Espanha.

Teu vulto lembra o caule  
do cedro da montanha.  
O mito te persegue  
dentro e fora da Espanha.

Por colinas e vales  
a lenda te acompanha  
montada em seu onagro  
dentro e fora da Espanha.

O mito te ilumina  
com sua luz estranha.  
Lanças flechas de vento  
dentro e fora da Espanha.

Ó mestre da façanha  
da espada e do estandarte.  
Lanças por toda parte  
dentro e fora da Espanha



## EXERCÍCIO DE UTOPIA

*Ao amigo Pedro Paulo Montenegro*

*I*magino que o sol doura as estradas  
e logo vejo as éguas seduzidas  
pelo rumor de antigas cavalgadas.

Imagino que as flautas vão aos montes  
e logo escuto os passos de Virgílio  
tangendo os seus rebanhos para as fontes.

Imagino que a noite é mais comprida  
e logo penso que o mistério enrosca  
sua cauda de serpente em nossa vida.

Imagino que um fauno tece a trama  
do amor, e logo entendo que essa febre  
é mais nuvem de estio do que chama.

Imagino que tudo é fantasia.  
Que o tempo nos devora, segue em frente  
e só volta no dorso de outro dia.

## LOBOS & HOMENS

*Para Soares Feitosa*

*D*izem que os lobos uivam  
quando estão no cio  
ou quando o sangue da lua desenha  
no céu sua caligrafia  
de presságios.

Dizem que em noites de vento  
e de chuva, os lobos uivam pelos  
mortos e os pastoreiam  
nas encruzilhadas.

Dizem que os lobos sentem  
o odor das fêmeas e são seduzidos  
pelo cheiro de volúpia e mel  
que elas semeiam pelos caminhos.  
Só  
não dizem que os homens  
também uivam quando amam.

## O TEMPO E SUAS FLORAÇÕES

*Para Abelardo Vasconcelos*

Era o tempo das vacas ruminando  
a infância dos bezerros. Era o tempo  
das uvas e raposas dançarinas,

das gaivotas flechadas pelo arcano.  
Era o tempo dos pêssegos do vento,  
do amor que explode os seios das meninas.

Era o tempo das tardes de mormaço,  
dos pássaros que emigram, dos estios  
polindo o mar e os remos do argonauta.

O tempo das marés que tocam flauta,  
do sol de outubro e seus punhais de aço,  
das moças fecundadas pelos rios.

Era o tempo das núpcias dos insetos,  
das lagartas famintas que devoram  
até mesmo a folhagem dos sonetos.

Cadeira a barlavento  
ancorada na ausência  
da nossa utopia.  
Ninguém já te espera  
na sala vazia.

Cadeira onde a moça  
às vezes ardia.  
Cadeira dos mortos  
ninguém já te afaga  
em noites de orgia.

Cadeira sem rosto  
e sem simetria.  
O vento te embala  
mas é a eternidade  
que te acaricia.

## 2

Cadeira de cedro ou de jacarandá  
sob a luz da lâmpada  
na sala deserta.

Só as plumas do silêncio  
falam dos mortos cujo sangue  
ainda corre nas veias da cadeira.

Invernos e estios não apagaram  
do seu corpo a memória  
de tantos exílios.

## QUINTETO

*Para Artur Eduardo Benevides*

1

*A* ramagem do vento agita os lagos  
e os sinos pendurados nas igrejas  
cor de ocre. Funerais e ladainhas  
pelas naves caiadas vão subindo  
rumo ao céu encarnado de setembro.  
A santidade exhibe essa volúpia  
de noivas cortejadas pelos anjos.  
Andorinhas de volta ao campanário  
cobrem as estátuas com seu limo negro.  
Os domingos grudados nas paredes  
pelas naves caiadas vão subindo.  
O vento é alguma ovelha tresmalhada  
de volta à flauta e aos olhos do pastor  
que das alturas vela o seu rebanho.

2

Os pássaros são os anjos da terra.  
Fazem seus ninhos dentro das igrejas  
e põem seus ovos nos beirais das casas  
onde a chuva os embala o tempo inteiro.  
São criaturas de argila fecundada  
pelo pólen dos astros e dos deuses.  
Quando os sinos repicam, anjos pássaros  
pelas naves caiadas vão subindo

rumo ao céu de Penélope e de Homero.  
Ó pássaros vestidos de argonautas  
remaí com vossas plumas, vossas penas  
para que as ondas desse mar do tempo  
não caíam sobre nós nem nos transformem  
nas estátuas de pedra do Vesúvio.

3

O rio vai passando pelas águas  
e as águas vão passando pelo rio  
onde os homens se afogam, se convertem  
em corpos mutilados de meninos.

Nas águas desse rio não te banhas  
mais de uma vez. São águas que não se  
repetem. Cavalos alucinados  
em cavalgada para o mar de Ulisses

O rosto dessas águas me recorda  
me viu pela janela envidraçada  
de um sonho sem pilastras, sem paredes  
sem quartos para os ritos da volúpia.  
Rio-Mulher que me ofertou seu vinho  
na noite antiga em que voltei de Tróia

4

Odor de barro chega das tapetas  
traído pelo vento e pela chuva.  
Abril semcia um rastro de aleluias  
no espaço constelado de utopias.

O sol dardeja e a vida nos trespassa  
com seu punhal de aromas e zumbidos.  
Borboletas vestidas de medusas  
suspensas das arcadas do equilíbrio.

As éguas negras são do faraó.  
Pastam miragens ao luar do cio  
e o tropel dos cavalos seduzidos.

Cigarras erguem seu clamor metálico.  
Jorram augúrios dos olhos dos lagartos.  
O chão molhado cheira a palha e seio.

## 5

Meninas vão florindo nas estradas  
entre vozes campestres vão florindo.  
Seus corpos, esculpido por um fauno,  
são leves qual fantasmas dançarinos.

Parecem feitas de uma argila fresca  
ou de cristal raiado pelo vinho.  
As horas vão fugindo e levantando  
as fímbrias orvalhadas dos vestidos.

Vão subindo a ladeira da vertigem.  
Os dias são levados pelos pássaros  
na carruagem de fogo das esferas.

Mas seus vultos flamejam na memória.  
São Valquírias sonhadas por Picasso  
entre as chamas do orgasmo e do delírio.

*A* poesia é uma diáspora  
de palavras  
algo que não se toca  
nem se vê.

A poesia é um estandarte  
de papel  
dilacerado pelo vento na tarde azul.

A poesia é nada  
o mito que ressuscita das cinzas  
do pássaro.  
A nau do tempo ancorada  
no eterno.



## MONÓLOGO DA BENGALA

Sou a tua perna  
que se move no espaço.  
Sou um planeta de vidro  
dentro de sua órbita.  
Sou a tua perna tríplice  
que te ensina a dançar  
um tango argentino.  
Sou a tua perna de cedro  
a perna que atravessa  
o rio do tempo.  
Sou tua perna dinâmica  
tua perna mecânica  
tua perna botânica  
tua perna satânica.  
Sou tua perna de aluguel  
danço o amor e a morte  
ao som dos tambores  
do Bolero de Ravel.  
Sou tua perna provisória  
imune ao reumatismo  
e à ciática. A tua perna  
de olho no mundo.  
Sou a perna que te governa  
e que às vezes acredita  
na vida eterna.

**ÉGUA DA NOITE**  
*Para Alano de Freitas*

*A* noite é uma égua  
seduzida pelo  
cio e os olhos dos pântanos.

A égua da noite  
conduz os faraós para  
suas catacumbas de linho.

A noite é uma égua  
de olhos castanhos  
e sexo de papiro.

Égua da noite alta  
tua placenta é a cauda  
da via-láctea.

## NEXO

*Para José Alcides Pinto*

*S*e em tudo na vida existe um nexo  
é preciso encontrá-lo a todo custo  
até mesmo no fato desconexo.

Uma teia de aranha lembra o plexo  
solar. Rio de artérias que deságuam  
num lago que reflete o seu reflexo.

O corpo é mais sombrio, mais complexo  
do que imagina a vã filosofia.  
Vivemos entre o côncavo e o convexo.

Voltamos para o sax ou para o sexo.  
Eros esconde seu anzol de prata  
entre as coxas do acento circunflexo.

## NOITE

*N*ão contemplamos a noite  
por causa das estrelas.  
Contemplamos a noite  
porque é imensa.

Não contemplamos a noite  
porque é imensa.  
Contemplamos a noite  
porque é nossa Mãe.

*A* vírgula  
uma lágrima  
suspensa  
do vértice do olho.

a lágrima  
o vértice do olho  
a vírgula  
o vértice da lágrima.

a vírgula  
uma lágrima  
expulsa  
do olho da rima.

a vírgula  
lágrima do verso  
a lágrima  
metáfora da vírgula.

*A* vida é um risco  
a morte um confisco.

A vida, um jogo de cartas  
a morte em todas as partes.

A vida é um rio cheio  
a morte a pedra no meio.

A vida é uma travessia  
a morte o beijo da enguia.

A vida é o salto do tigre  
a morte o sonho que emigra.

A vida é o cio das coisas  
a morte o esgar das raposas.

Vida, cio da arte.  
Morte, elo que se parte.

Cavalo é aquilo  
gerado pelas águas  
e éguas do Nilo.

É a chama do traço  
que gorjeia num  
desenho de Picasso.

Cavalo é muito pouco  
do que se sabe  
do seu trote barroco.

É a trama das léguas  
tecidas pelas crinas  
e o cio das éguas.

Cavalo é um sistema  
de artérias onde circula  
o sangue do poema.

Cavalo é o que torna  
à infância do potro  
no ventre da forma.

## CANÇÃO DO RUMOR

*A*ldeias de nuvens se erguem nas colinas do céu.  
Tudo infinitamente branco e vazio.

O silêncio irrompe e acorda a paisagem.  
Ovelhas ruminam o cio numa tarde de espumas.

O horizonte infinito avança para o mar.  
O azul imóvel balouça molemente nas águas.

Tudo nos convida para o exílio do corpo.  
Mas o corpo já se despe para as núpcias da alma.

Melhor é ficar parado, ouvindo o rumor  
das coisas distantes, da eternidade incessante.

O rumor dos pensamentos da amada  
no instante de dormir e de acordar.

Todo sonho é um pensamento que se move  
como as ondas do mar, como as ondas do mar.

## IRENE REVISITADA

*Para Carlos Augusto Viana*

*I*rene calma, Irene preta  
não sei se você ainda  
se lembra de Manuel Bandeira.

Irene, a mais amorável das pretas  
Irene nos jardins de Deus  
entre borboletas.

Irene preta, Irene boa  
Irene consolando os pássaros  
que também voa.

Irene preta, Irene clara  
Irene rezando pelos mortos  
da Candelária.

Irene preta, Irene apenas  
Irene convocando os anjos  
para as novenas.

Irene preta, Irene mulata  
Irene vestida de noiva  
sob uma chuva de prata.

Você é a mais alta  
ó preta Irene, na hierarquia  
do céu. Lausperene.



## PÁSSARO DE TRÓIA

*Para Inocência de Melo Filho*

**E** veio a chuva e veio a ventania.  
E veio o mar com todas as gaivotas.  
E veio a noite. E veio a romaria

dos astros amortalhados. E veio  
a que foi rainha depois de morta  
com seu brasão de sangue em cada seio.

E veio a cobra. E veio a primavera.  
Veio o candelabro de sete chamas  
e veio o raio e seduziu a esfera.

E veio a borboleta e fez o linho.  
E o bicho fez a pluma e fez a seda.  
E veio o amor e muda a água em vinho.

E veio o arcano. E veio a metanóia.  
E veio Homero envolto em labaredas.  
E veio um grande pássaro de Tróia.

## ANJO ARCAICO

*Para Gilberto Mendonça Teles*

*E*ra um velho anjo de asas partidas  
pelos ventos de Lúcifer  
dormia à sombra dos pórticos onde  
os mendigos rastejam  
à procura dos olhos das mães  
e do afago dos cães.

Um anjo arcaico expulso do éden  
pela ira de Deus  
vagava pelas esquinas da lua  
com seu velho alaúde  
de sonoridades dilaceradas  
catava restos de pães nas galáxias  
para os fantasmas das mães.

Era um velho anjo esmagado  
pela memória de Sísifo e a nostalgia  
da eternidade.

## BARCA

*Para Iranildo Sampaio*

Sou uma barca  
de exílios extraviada  
na memória dos naufragos.

Sou o vértice  
da noite voltado  
para as fogueiras da lua.

Sou a taça de pedra  
onde os lagartos bebem  
o vinho do vento.

Sou o espinho  
da rosa envenenada  
pelos seios de Cleópatra.

Sou um fragmento  
do abismo, iluminado  
pela ausência de Deus.

*A* noite é o solar dos ventos e dos mortos  
que se erguem das cinzas de Tróia.  
A noite é nossa mãe.

A noite é um navio fantasma  
ancorado ao largo de si mesmo.  
A noite é nossa mãe.

A noite é uma cavalgada na escuridão  
o mar espetado no abismo.  
A noite é nossa mãe.

A noite é a consoladora dos bêbados  
dos mendigos e dos bastardos.  
A noite é nossa mãe.

A noite é bálsamo derramado  
no coração dos aflitos.  
A noite é nossa mãe.

À noite todos os pensamentos são pardos  
todos os gatos são bardos.  
A noite é nossa mãe.

## AS TARDES EMIGRAM

*Para Rita de Cássia*

*P*ara onde vão as tardes quando  
o sol mergulha a cabeça raiada de ouro  
e sangue nas profundezas do mar?

Para onde vão as tardes quando  
a noite sai do seu claustro e os sinos  
começam a dobrar pelas andorinhas mortas?

Para onde vão as tardes com seus rebanhos  
de espuma quando os bêbados regressam  
ao pastoreio dos seus mitos de palha?

Para onde vão as tardes em suas carruagens  
de fogo quando o espantalho levanta  
seus braços de feno para o céu?

Para onde vão as tardes carregadas  
pelas eras, quando as ondas e suas crias  
começam a rugir como feras?

Como todo homem parido de mulher  
carreguei nos ombros minha  
cruz de remorsos rumo  
ao calvário do sonho  
e da liberdade.

De queda em queda, minhas vestes sangraram  
nos espinhos da parábola.  
Quando cheguei ao cume da agonia  
um anjo de olhos de peixe  
me ordenou: volta pelo mesmo  
caminho e começa tudo de novo.

## MISTÉRIO DA VACA

*Para Gildemar Pontes*

*D*a vaca só resta a nódoa  
de sangue no capim seco.  
Não resta sinal do rúmen  
nem vestígios do esqueleto.

Da vaca não resta cheiro  
de relva, não resta nada.  
Nem o rumor do focinho  
pastando os brolhos da várzea.

Da vaca não resta ao menos  
a memória do seu rastro.  
Nem o enxame reluzente  
do moscardo no espinhaço.

Da vaca que ruminava  
nuvens nas tardes de outubro  
só resta o emblema de fogo  
que lhe enfeitava a garupa.

Da vaca só resta a nódoa  
de sangue nos tabuleiros.  
O som do couro no exílio  
onde os sapatos são feitos.

Sou um campo de centeio  
destruído pela cólera dos pássaros.

Sou a esquina da rua onde  
os bêbados tangem as cordas do vômito.

Sou o que lavou as nódoas de sangue  
das últimas palavras do suicida.

Sou o que leu o bilhete do suicida  
e suas cartas de amor para as namoradas.

Sou o que ouviu a serenata dos mouros  
pelo sangue derramado dos touros.

Sou o viajante de um navio fantasma  
à deriva dos ventos da morte.

Sou o que voltou do ventre da baleia  
e encontrou as portas fechadas.



## ENGANO & ESPERANÇA

*Ao Prof. Emanuel Arrais*

Se por experiência se adivinha  
se pela nuvem se conhece o vento  
se por amor dormimos ao relento  
sob o orvalho dos seios da vizinha

Se o mar gorjeia, pássaro e elemento  
se põe seus ovos antes da galinha  
se o rei decreta a morte da rainha  
e dela se liberta o pensamento.

Se o corpo volta à infância da caverna  
se a esfinge nos decifra e nos devora  
se a volúpia do enigma nos governa

Se viver ou morrer é sempre um dano  
se o acaso nos golpeia antes da aurora  
qualquer grande esperança é grande engano.

Vida, serpente  
que muda de pele.  
Ontem era verde  
hoje é amarela.

Serpente de fogo  
que nos pastoreia  
a vida se enrosca  
na sombra da idéia.

Seu dorso de limo  
aos raios da chuva  
o rumor dos anéis  
na cauda volúvel.

A vida e seu faro  
de serpente. Seu brilho  
de pedra que apaga  
os rastros do exílio.

A vida é o que resta  
do parto da estrela.  
Serpente que expulsa  
o orgasmo da pele.

O tempo é um afluente que deságua  
no rio dos mortos.

Não adianta olhar para trás  
porque o tempo é desprovido de memória  
não sabe de que tamanho  
é a sensualidade do teu nariz.

O tempo é a fumaça de enxofre  
que sai da boca do dragão.  
O dragão que devora as entranhas  
da noite e da eternidade.

O tempo é um dragão pousado  
nos vidros das janelas.  
Flutua na superfície dos espelhos  
devora os seios das moças  
e o rímel dos olhos.

O tempo é um demônio que se masturba  
toda vez que as moças começam  
a tocar os violinos da nudez.

É preciso ir à feira  
onde se vende ilusão  
e se compra um pouco de verde  
para alegrar os sentidos  
e afugentar as sombras da alma.

A feira na sexta-feira  
não acaba antes do sábado  
que tem cara de repolho  
e esconde a dentadura  
atrás do seu grande olho.

Também vou à feira  
também reclamo em voz alta.  
A vida é uma feira  
onde se perde a inocência  
de segunda a sexta-feira.

**ARAUTO DAS SOMBRAS**  
*Para Hildeberto Barbosa Filho*

*U*m velho abutre de asas partidas  
e penas esmagadas pelo vento  
pousava todas as tardes  
na cumeeira de nossa casa.

Os meninos o enxotavam com pedras  
atiradas por seus estilingues.  
Mas o velho pássaro não arredava  
da cumeeira de nossa casa.

Numa tarde de chuva o velho abutre  
não veio. Foi achado morto  
à sombra de uma árvore devastada  
pela divindade dos raios.

Passaram-se muitos invernos e estios.  
Nunca mais o arauto das sombras  
foi visto sonhando na cumeeira  
demolida de nossa casa.

## PLANTADOR DE GIRASSÓIS

*Para César Lea*

*V*an Gogh decepou  
um pedaço de sua orelha  
para irrigar com sangue a sua  
plantação de girassóis.

2

A mesa, as cadeiras, a janela  
para a rua, a cama, as paisagens  
na parede, as roupas  
dependuradas no cabide  
a almofada vermelha  
o girassol de sangue palpitando  
no lugar da orelha.

3

A mesa plantada  
no ladrilho flutua num espaço  
de sonho. Tem a solidez  
de uma pedra.  
A mesa foge do espaço.  
O espaço é que pulsa  
ao redor da mesa.

4

A mesa e seus objetos  
dardejam sob a luz amarelada da lâmpada.  
A mesa tem uma gaveta.  
Dentro da gaveta  
talvez uma carta, o pedaço  
da orelha, a memória de Van Gogh  
reinventando os girassóis.

5

A cama trespassa o espaço.  
Os lençóis. A metáfora  
do sangue traz de volta o cio  
e os contornos da mulher  
ausente. A cama à espera do  
orgasmo dos girassóis.

6

Na tarde amarela  
o dorso amarelo das copas  
das árvores.  
As folhas das estações  
é um rio amarelo que deságua  
nas alamedas e nas mãos  
em delírio de Vincent Van Gogh.

## AS FERAS

*Ao amigo Eduardo Diataby*

Tantos são os mortos no meu caminho  
que já não posso contá-los.

Tantas são as vozes que me trazem súplicas  
que já as confundo com o vento.

Tantos são os passos que me seguem  
por entre alamedas e epitáfios.

Tantas são as sombras que me acenam  
da noite e de suas escadarias.

Tantas são as memórias que me consomem  
tantas as dúvidas que me dilaceram

Que tenho a estranha sensação  
de que me puseram na jaula das feras.



O homem está sempre só.  
Em casa ou na rua  
no cinema ou na catedral  
no verso ou no espelho  
no riso ou na lágrima  
na hora da ceia e do orgasmo.  
Está sempre só.

Quando vai para a cama  
quando volta do amor  
quando se veste de negro  
para o enterro dos bandolins  
quando vence e é vencido  
ou quando diz adeus.  
Está sempre só.

Sósia de Jó  
coberto de sangue e pó  
o homem sempre só  
arrastando o seu trenó  
em memória das avós  
e de seus bandós.

Viver é como tomar  
um porre de absinto  
e acordar no outro dia  
às portas de um labirinto.

Viver é mentir ao corpo,  
saber que tudo é pilhéria.  
Que o sonho acaba no esgoto  
vencido pela matéria.

Viver é juntar palavras  
na partitura de um samba  
onde mulatas requebram  
por cima da corda bamba.

Viver é despir a túnica  
de rei ou de espantalho.  
Desejar as uvas verdes  
que estão na ponta do galho.

Viver é como tomar  
um porre de vinho tinto.  
Acordar fora do tempo  
no ventre de um labirinto.

## CONTO MEDIEVAL

*Para Noemi Elisa Aderaldo*

*E*is-me a vagar pela noite  
quando vi certo mendigo  
que tinha os olhos de peixe.  
Parecia um anjo expulso  
das portas do paraíso.

A Sombra não se moveu  
nem quando me aproximei.  
Pedi-me que não tocasse  
as abas ensangüentadas  
do seu sudário de rei.

Foi pastor quando menino,  
tocava o rebanho e as flautas.  
Era do tempo de Ulisses  
quando as ondas embalavam  
os remos dos argonautas.

A Sombra não se movia  
nem passava pelo vento.  
Mas o pulsar do seu sonho  
tão real me parecia  
quanto o seu vulto ao relento.

Ardia a noite no céu,  
esfera partida ao meio.  
A Sombra me perguntou  
se eu vira o corpo da esfinge  
apunhalada no seio.

Com suas mãos de espantalho  
fez um gesto de recusa.  
Me falou de uma serpente  
pelos deuses transformada  
nos cabelos de Medusa.

Pedi-lhe que me falasse  
do seu destino perverso  
de rei expulso do trono.  
Mas a Sombra ficou muda  
sob o escárnio do universo.

Cães ladravam para a lua  
coberta de sangue e ouro.  
A Sombra de olhos de peixe  
dizia aos ventos e aos mortos  
palavras de mau agouro.

A Sombra foi se escondendo  
nas dobras do seu sudário.  
Cresceu a flor do vazio,  
e essa flor era de sangue  
como as rosas do calvário.

A noite, aos poucos, se escoou  
pelos declives do céu.  
A Sombra de olhos de peixe  
anjo não era nem rei.  
Mas o mendigo era eu.

## RIO DO TEMPO

*Para Luiz Tavares Júnior*

O tempo é um rio feito de lembranças.  
As águas desse rio vão passando  
e soterrando as nossas esperanças.

O tempo é um rio cheio de gemidos.  
Rio do adeus que sangra em nosso peito  
e embala os namorados seduzidos

pela voz da serpente vertebral.  
O corpo desse rio que em Gomorra  
foi transformado em lágrimas de sal.

Rio do tempo, rio da memória.  
Somos levados para aquele rio  
que vem do mito e passa pela história.

Esse rio é um pastor de madrigal.  
Lembra o Tejo, que chora o tempo todo  
partindo e regressando a Portugal.

Entre no ritmo  
da vida  
se é que a vida  
não está fora do ritmo.

Entre no ritmo  
do corpo  
até que o corpo  
não saia do ritmo.

Entre no ritmo  
do universo  
que se move  
no âmago da inércia.

Entre no ritmo  
do amor  
porque o amor  
nunca perde o ritmo.

## POEMA FLUVIAL

*Para Ana Vlândia, com admiração*

Sou um rio a caminho de outro rio.  
Levo comigo vozes de afogados,  
limos do inverno e súplicas do estio.

Sou um rio invejado pelo Douro.  
Rio de Portugal, rio de Espanha,  
domado pelo celta e pelo mouro.

Sou um rio em perpétua correnteza.  
Minhas águas deslizam para a noite  
onde me espera o arauto da tristeza.

Sou um rio em seu túmulo de areia.  
As retinas do céu cegam meus olhos,  
o abismo me acorrenta e pastoreia.

Sou um rio puxado por cavalos.  
Os deuses me visitam quando a aurora  
solta os cabelos ao ruflar dos galos.

Sou um rio que deságua no Reno.  
Esse rio do corpo, esse outro rio  
que por ser mais profundo é mais sereno.

*A* flor que se abre e se fecha  
a orquídea que se entrega aos besouros  
com volúpia de amante sem pudor.  
Os répteis do pântano e os seres alados:

Tudo faz parte de um sistema de códigos  
impermeável aos nossos sentidos  
à nossa incapacidade de perceber  
as pulsações do efêmero e do infinito.

A flor que se abre e se fecha  
não é menos complexa do que o homem  
que formulou a Teoria da Relatividade.

As formigas não conhecem a rosa dos rumos  
mas adivinham as mutações do tempo  
o rumor da chuva e seu odor de húmus.



## PAISAGEM VISTA DA JANELA

Toda paisagem vista da janela  
é feita de memória e de utopia.  
Ovelhas que ruminam nas encostas  
são marujos que voltam da procela  
erguendo os braços ao ruflar do dia.

Toda paisagem dorme na lembrança  
para acordar nos olhos de um menino.  
É o repicar dos sinos da esperança,  
versos de sangue às núpcias do destino.

Sou o corpo volúvel da paisagem,  
o que parece inerte e o que se agita,  
o pastor esperado que não veio.

A moça na paisagem é mais bonita.  
Até lhe escuto o palpitar do seio.

*V*olta e começa tudo de novo:  
assim me disse um anjo de olhos de peixe.  
Voltei pelos mesmos caminhos  
subi pelas mesmas escarpas  
pelos mesmos abismos coroados de pedras  
naveguei pelos mesmos rios  
com os mesmos barcos e os mesmos remos  
varei as noites consteladas de espinhos  
fui seduzido pelos mesmos olhos  
pelo mesmo vinho, pelos mesmos seios  
fui assaltado pelos mesmos cães  
pelas mesmas feras e os mesmos vaticínios  
de uma lua com esporões de sangue.

Quando tudo acabou, assim  
me disse o anjo de olhos de peixe:  
morre e começa tudo de novo.

## CONJUGAÇÃO DO RAIOS

raios alfa

raios beta

raios delta

raios gama

raios dos

olhos de quem ama

raios da estrela

raios do cio dos tigres

raios da esfera

raios da súplica

raios da roda

raios do radar

raios da curva

raios da reta

raios do círculo

raios do meridiano

raios da matéria

raios do espírito

raios do vento

raios do fogo

raios da chuva

raios da ira de Deus

raios do paráclito

raios que o partam

O cupim rói a madeira  
e o seu reflexo  
rói o espelho de cristal  
o côncavo e o convexo.

O cupim rói o silêncio  
do quarto, a calva  
do morto, o sol que entra  
pela janela, a alma.

O cupim rói as paredes  
da casa, o verniz da  
faiança, o pote de guardar  
a memória da chuva.

O cupim rói o espantalho  
o passado e o futuro  
rói os violinos dos gatos  
quando velejam no escuro.

O cupim rói o dilema  
adros e odes de Horácio  
os bordados do poema  
e os versos do epitáfio.

Rói o vento e a eternidade  
o âmago e a superfície  
rói a infância das coisas  
e os remos da nau de Ulisses.

## ESTÁTUA

*Para Adalberto dos Santos*

*U*ma estátua nos fita  
com seus olhos de pedra  
dilacerados pelo  
esplendor da matéria.

Uma estátua na praça  
pública. Uma esfinge  
que se veste de limo  
para as núpcias dos pássaros.

Uma estátua de bronze  
dentro e fora do tempo.  
Nuvens passam por ela  
a eternidade e o vento.

Dum pedestal de areia  
a estátua de lioz  
olha o povo que passa  
com lágrimas na voz.

## LENDAS DE UM REI

*À memória de Dante Milano*

*E*ra um rei de mentira.  
Tocava a harpa e a lira  
sentado numa pira.

Era um rei sem regalos.  
Amava os seus cavalos  
muito mais que aos vassalos.

Era um rei de baralho  
que as damas do serralho  
chamavam de espantalho.

Era um rei sem memória  
que passou pela história  
sem vestígios de glória.

Um rei sem disnatia.  
Um rei que só vivia  
de fantasmagoria.

Um rei sem pastoreio  
flechado por um seio  
num campo de centeio.

Um rei de Portugal  
pintado num vitral

com o sangue do rival.  
Um rei da guerra púnica  
despojado da túnica.  
Sua realeza única.

Era um rei destronado.  
Amar sem ser amado  
foi seu maior pecado.

Um rei sem um ceitel.  
O sangue cor de anil  
nas veias do perfil.

Era um rei avarento.  
Pagava o seu sustento  
com patacas de vento.

Um rei em decadência.  
Zombava da ciência,  
das formas e da essência.

Um rei da Mandchúria.  
Morreu de albuminúria  
e excesso de luxúria.

Nabucodonosor.  
Rei despido a rigor  
para a ceia do amor.

Era o espectro de um rei  
odiado pela grei

por não cumprir a lei.  
Era um rei mas não era.  
Nasceu numa tapera  
entre os braços da hera.

Não era um rei lendário  
nem o Rei do calvário.  
Era um rei ordinário.

Não era o rei do olimpo.  
Fumava ópio e absinto  
com folhas de terebinto.

Um rei sem postulado.  
Amar sem ser amado  
foi seu menor pecado.



## DESENHO MUSICAL

O homem contempla o céu  
mas apenas vê um rio  
de nuvens fugitivas  
que correm sem cessar.  
Mas não é para o mar.

O homem escuta o céu  
mas tudo é silêncio enorme.  
O coração das esferas  
já começa a palpitar.  
Mas não é pelo mar.

O homem imita o gnomo  
que foi na infância das eras.  
Cansado de tempo e espaço  
o homem há-de voltar.  
Mas não é para o mar.



Terceira Parte

# **VIAGEM AOS SEIOS DAS VALQUÍRIAS**

E sabeis que, segundo o amor tiverdes,  
Tereis o entendimento dos meus versos.

*Camões (Sonetos)*



O corpo da amada  
é o pórtico do paraíso  
suas coxas têm gosto de vinho  
alegorias do pecado.

Os olhos da amada  
são taças repletas de ópio  
os peitos da amada são iguais  
às tetas da loba romana.

O dorso da amada é uma colina  
onde pastam as ovelhas  
do cio. Meu sonho pastoreia  
as carícias da amada.

Os cabelos da amada não são negros  
como as asas da graúna  
são da mesma cor de vinho das  
crinas das éguas árabes.

O corpo da amada é uma escarpa  
onde a lua põe os seus ovos  
ópio, taça de absinto  
nau para a travessia da morte.

## DESENHO DE GUSTAV KLIM

*Para Joanyr de Oliveira*

Os olhos fechados  
a mão direita acaricia a chama  
do êxtase.

As pálpebras cerradas  
estremecimentos de seda e cristal  
por todo o corpo, imerso em serenidade  
búdica.

Frêmito de asas acorda as artérias  
percorre as coxas abertas.

Mulher em repouso.  
Um arco-íris secreto e o pássaro  
que retém o vôo.

2

A mulher finge que dorme  
a mão segura uma flor  
mas a flor não é uma flor  
ou é a flor de um secreto jardim  
onde há um secreto lago  
e as rosas subitamente estremecem.

3

A mulher finge que dorme  
ou finge que sonha.  
Finge que flutua num lago de nudez.

A mulher se afaga, se entrega.  
Do sexo jorra a melodia  
de uma revoada de violinos.

4

Mulher em repouso.  
Os olhos, astros extraviados,  
não vêem o acasalamento das orquídeas  
entre as coxas abertas.

A mulher não vê a serpente  
que seduz o pássaro  
das coxas.

Vê apenas o rastro de fogo do anjo  
que lhe aponta a estrada  
do paraíso.

## ONDE QUERO ESTAR

Quero estar onde estiveres  
no topo das colinas ou no pântano  
onde florescem borboletas do tamanho do sexo  
de uma vaca.

Quero estar no espelho que capta  
os poliedros de tua nudez  
no teu dorso de égua egípcia amada pelos faraós  
de todas as dinastias.

Quero estar na fímbria dos teus aromas  
de eucalipto, no vértice do anzol  
de tua formosura.

Quero estar na volúpia da labareda  
que acaricia as hierarquias do teu corpo  
em cada emblema de tua nudez  
repleta de dádivas.



Quero estar nas dobras de linho do teu sono  
povoado de êxtases, nas marés do teu  
monte de vênus, no pulsar de tuas  
veias de cristal, no luar de tuas pálpebras  
no alvorecer de asas dos teus seios  
e nessa ternura de ovelha parida  
dos teus olhos castanhos.

Quero estar nas alegorias de tua pele  
dourada de fera, no teu cheiro  
de resina e de alfazema  
no teu cio de égua das estepes  
na porcelana do teu umbigo  
na tua voz e na tua foz.

Fogo é esse aroma  
de tua pele  
sob a alegoria dos vestidos  
fogo é o teu hálito  
de fera no cio  
a labareda se alastrando  
em tua boca  
tua língua de coral  
devorando os  
pássaros da libido  
fogo é teu sabor de fruta  
cítrica, a revoada  
dos teus gestos  
se libertando para as  
liturgias do amor  
fogo é o teu santuário  
de carne, sob  
as relvas do pecado  
fogo é teu dorso  
de serpente venerável  
tua nudez de égua  
do faraó, teus  
olhos subjugados  
às divindades da fúria.

## CANTATA

*V*ento  
mulher  
maresia  
vento  
mulher  
maresia  
vento  
mulher  
maresia  
vento  
mulher  
maresia  
toda  
as horas  
da noite  
toda  
as horas  
do dia

*t*e amarei a qualquer hora  
do dia ou da noite  
te amarei no cais deserto ou na esquina  
de uma rua sem memória

te amarei na escuridão  
te amarei às claras  
te amarei entre as pombas famintas  
te amarei ao redor do mundo

te amarei ao raiar da madrugada  
te amarei no trem do subúrbio  
te amarei na jaula das feras  
no cinema onde se vendem ilusões e pipoca

te amarei a qualquer momento  
da vida, a qualquer aceno dos teus olhos  
te amarei entre as conchas do mar  
entre os répteis e os pássaros

te amarei na cama de pedra  
na praça onde tem uma roseira morta  
te amarei despida de noiva  
me ofertando os teus seios de palha.

## PARÓDIA DE CAMÕES

Sete anos de pastor Jacó servia.  
Mas não servia ao pai nem às ovelhas  
que as delícias do amor só pretendia.

Sete anos passados ao relento  
só pensando naquela cujos olhos  
lhe acompanhavam cada movimento.

Sete anos polidos pelo vento  
entre ovelhas paridas e a tosquia  
que amor só o visitava em pensamento.

Sete anos de perdas e de ganhos  
entre o frio das noites e da ausência  
e a solidão dourada dos rebanhos.

Sete anos de pastor Jacó servia  
sem maldizer as tramas do destino  
sem saber se ficava ou se partia.

Teu corpo é uma ilha  
onde anoitecem  
os barcos ancorados.

Teu corpo é uma nau  
que me leva rumo  
ao luar dos pecados.

Em ti me extravio  
morro de sede  
no delta do cio.

Teu corpo é uma chama  
testemunho da rosa  
volúpia que se ama.

À noite me arrebatas  
nessa nau de artérias  
que é nossa cama.

## CANÇÃO DAS ORQUÍDEAS

*A*s orquídeas  
cortesãs no cio  
se entregam  
aos rituais da cópula.

Pêssegos e espigas  
amadurecem ao sol  
das genitálias  
das orquídeas.

Pássaros  
e abelhas disputam  
a intimidade do  
sexo das orquídeas.

A nudez das  
orquídeas entre-  
abertas seduz os sá-  
tiros da floresta.

Orquídeas são  
deusas sensuais  
à procura do  
pólen dos faunos.

## CACHORRO FAMINTO

Expulso do olimpo  
o amor anda só.  
Um cachorro faminto.

Em meio à dura treva  
ao vento e seus punhais  
o amor anda só.

A chuva molha o pêlo da noite.  
O amor anda só, arrastando  
o seu manto de rei da luxúria.

Amor de sangue e absinto  
uivando às portas do olimpo.  
Um cachorro faminto.

## RUMOR DO CIO

Quando ela passa  
o murmúrio do seu vestido  
de seda é tão musical  
como um jorro de vinho  
numa taça de cristal.



## MANDARIM

(De uma narrativa de Danilo Gomes)

*A*s mulheres de um certo mandarim  
da estirpe de uma velha dinastia  
ouvem de noite a estranha melodia  
dos grilos numa urna de marfim.

Nuvens, dragões, rumo à azulada esfera  
onde entre chamas se evapora o dia.  
Pelos jardins calados só a espera  
da lanterna vermelha as consumia.

Fímbrias de seda e adágios de luar.  
Asas e aromas bailam pelo ar  
desde o florir de antigas madrugadas

em que somos vassalos dos prazeres.  
Jorra o pranto inconsútil das mulheres  
dos olhos das lanternas apagadas.

## CANÇÃO PARA GUITARRA PORTUGUESA

*V*erde vinho, verde vinho,  
minha amada foi ao Minho  
devagar, devagarinho,  
mas perdeu-se no caminho.

Verde vinho, verde vinho,  
me ensina a ser adivinho  
e as léguas de pergaminho  
por onde se vai ao Minho.

Verde vinho, verde vinho,  
morro à míngua de carinho.  
Das mãos e seios de linho  
da amada que foi ao Minho.

Verde vinho, verde vinho,  
minha amada cor de arminho  
foi raptada no caminho.  
Nunca mais voltou do Minho.

## SONETO À MODA DE GMM

*A* que sonha à janela, a que suspira  
a de longas pestanas de pastora  
a que tem curvas de guitarra moura  
e a volúpia da cobra que se estira.

A que faz do seu corpo uma lavoura  
conduz o fogo da secreta pira  
a que recende a mel de jandaíra  
e dobra o fauno a golpes de tesoura.

A que em sendo mulher faz sombra à fera  
sabe que o amor nos mata e dilacera  
como beber um copo de cicuta.

A que te oferta o hímen na bandeja  
entre espumas de orgasmo e de cerveja  
a deusa, a musa, a messalina – a puta.

Tuas pernas  
haste esguia de uma  
taça que de vez  
em quando transborda.

Tuas pernas passam  
por minha sombra  
seguem mas fica seu doce  
rumor de onda.

Tuas pernas, pórticos  
de mármore antigo  
por onde se vai às relvas  
de fogo do paraíso.

Tuas pernas são dois  
esteios de aroma  
que sustentam  
as cúpulas de Roma.

## ODE MINÚSCULA

*T*eu corpo é um campo  
de centeio  
dourado pelo sol  
do cio.

Teu corpo tem o cheiro  
de espigas maduras  
sob as rajadas  
do estio.

Teu sexo é morada  
de abelhas que  
semeiam pólen nas  
águas do rio.

Teu corpo é vinho verde  
de que me embriago  
numa taberna  
do Rossio.

Esta lua  
do ano dois mil  
me deixa alucinado  
pela  
sensualidade do  
teu quadril.  
O mais importante  
é que não sou  
diabético.  
Antes de beijar  
tua boca lubrificada  
de batom  
sintético, gostaria  
de ter acesso  
às dicas eletrônicas  
do teu código  
genético.

## PÁSSARO DA NOITE

*M*orreu de parto às três da madrugada.  
O rosto era uma efígie amarelenta.  
Na eternidade, a alma evaporada  
envolta no sudário da placenta.

Arcanjo, em cavalgada para a lua,  
arreatou a morta em seu cavalo.  
Depois que os cães uivaram pela rua,  
ouviu-se um canto, era o clamor de um galo.

No firmamento, a curva de uma foice.  
O mistério goteja, água incessante,  
com seu capuz de pássaro da noite.

O vento arranca as árvores da estrada.  
A que era o sol de todos os amantes  
morreu de parto às três da madrugada.

É verdade que o tempo passa  
e nada restará de tudo.  
Cada segundo trespassa nosso corpo  
com seus punhais de veludo.

Mas o amor e seus aromas  
ficarão para sempre em nossa pele.  
Ficará esse emblema de fogo  
de tua sedução, flor  
atávica que envenena a alma.

Estarei à tua espera  
no lugar mais secreto dos espelhos.  
Quando estivermos saciados  
brindaremos à fugacidade  
do amor e comeremos  
azeitonas maduras.



## ERA UMA VEZ UM CALIFA

*Ao poeta Jorge Tufic*

*E*ra um califa amante dos bons vinhos  
das mulheres, das armas, dos cavalos  
das auroras sonhadas pelos galos  
dos augúrios dos magos e adivinhos.

Padecia da insônia do espantalho  
prezava o amor e as artes do negócio  
passava as noites cavalgando o ócio  
de todas as donzelas do serralho.

(Um vento de presságios veio vindo  
do mar, das naus ancoradas no porto.  
O que era sonho, agora é desatino).

Provou do amor de mais de cem fidalgas  
até que um dia foi achado morto  
sob o luar de sangue das adagas.

*A* bengala é uma perna de moça  
que se move em ritmo  
de flauta doce.

Uma coxa de mulher em rodopio  
no tempo do amor  
e do cio.

Uma serpente de cabeça de prata  
que se enrosca no sonho  
e no corpo da mulata.

É uma perna de noiva  
(acima do joelho)  
seduzida pelo fauno do espelho.

Uma perna esguia de Colombina  
que te segue pelas ruas  
e te bolina.

Uma perna de pássaro no exílio  
que te leva às portas  
do inferno ou do paraíso.

## INVENÇÃO DO PECADO

*A*cendi sete lâmpadas de azeite  
no altar do teu corpo  
e o circudei com as rosas da luxúria.

Pervaguei os labirintos de tua nudez  
e vi quando um peixe de cristal  
saiu da concha do teu ventre  
para devorar minha face  
e meus olhos vazios de santidade.

Nua diante dos estuários da noite  
nua em teu santuário de limo  
como nos primeiros dias da invenção do pecado.

O éden não está aqui  
não está em parte alguma.  
O éden não está no corpo  
e muito menos na alma.

O éden não está nas alturas  
nem no fundo do mar.  
O éden das flores do pecado  
simplesmente não existe.

O éden é uma utopia  
para iludir o ócio dos deuses  
e afugentar o demônio.

O éden está no rastro  
da sensualidade da serpente  
que dorme em teu coração.

Ninguém precisa ter  
dom profético  
para saber  
que no próximo século  
todos os segredos  
e dialetos  
do seu código genético  
(o corpo, a alma)  
estarão  
armazenados  
num cartão magnético.

## SENTIMENTO DA NOITE

Eu me insinuava pelas ruas desertas.  
Seguia os passos de ninguém.  
O coração deserto.

Eu me sentia ameaçado  
pelas sombras luzidias dos cães.

A noite, imensa, pulsava  
nas veias da treva.

A lua era um planeta  
de sangue.

## DE TANTO SABER

*d*e tanto saber que te amo  
de tanto saber que te busco  
de tanto saber que me matas

de tanto saber que me foges  
de tanto saber que te espero  
de tanto saber que não voltas

de tanto saber que me iludes  
de tanto saber que te chamo  
de tanto saber que não respondes

de tanto saber que te calas  
de tanto saber que te sonho  
de tanto saber que te esquivas

de tanto saber que te afastas  
de tanto saber que me negas  
de tanto saber que te enfeitas

de tanto saber que me engano  
de tanto saber que te odeio  
não sei se ainda te amo.

## MORRER DE AMOR

*M*elhor é ser ninguém que ser vassalo  
melhor estar sonhando que desperto  
melhor arder na ausência que no fogo  
melhor fitar de longe que de perto.

Melhor ser rosa do que ser espinho  
melhor partir do que ficar à espera  
melhor ser água do que ser moinho  
melhor ser raio do que ser a esfera.

Melhor andar ao vento do que à sombra  
melhor ser contemplado pelo abismo  
do que remar a nau da simetria.

Melhor ser fonte que atravessa a aldeia  
que ser a vaga expulsa pelas eras.  
Melhor morrer de amor que de utopia.

## CAMAS AZUIS

*Onde estarão as grandes camas azuis?*

GERARDO MELLO MOURÃO

Onde estará o almofariz de esmagar ervas balsâmicas?  
onde estarão os rosários de contas de pérolas?  
onde estarão as grandes camas azuis?

Onde estará o alfaiate com seu escaparate?  
onde estarão as dançarinas da faiança?  
onde estarão as grandes camas azuis?

Onde estará a espingarda que matou a perdiz?  
onde estarão as agulhas e os dedais?  
onde estarão as grandes camas azuis?

Onde estarão os gatos precursores da noite?  
onde estarão os picos da nudez acariciados pela seda?  
onde estarão as grandes camas azuis?

Onde estarão as noivas e seus espelhos ovais?  
onde estarão as borboletas da páscoa?  
onde estarão as grandes camas azuis?

Onde estarão os verdes cavalos no cio?  
onde estarão as fotografias de olhos estrábicos?  
onde estarão as grandes camas azuis?

Onde estarão as namoradas de seios bordados?  
onde estarão as escumilhas e gargantilhas?  
onde estarão as grandes camas azuis?



## NOIVAS DE CÓRDOBA

*P*orque minhas mãos afagam  
os teus seios de alfazema  
porque te espero em Granada  
tudo vale a pena.

Porque as noivas de Córdoba  
fugiram de Cartagena  
porque o Tejo as pastoreia  
tudo vale a pena.

Porque Lorca ressuscita  
ao sopro de sua avena  
porque seu verso ainda pulsa  
tudo vale a pena.

Porque os sinos repicando  
nas torres de Barbacena  
porque o amor esteve em Minas  
tudo vale a pena.

Porque os rastros de Marília  
não se apagam do poema  
porque o amor ilude a morte  
tudo vale a pena.

Porque o Rei já não bolina  
a rainha Ana Bolena  
porque a terra ainda se move  
tudo vale a pena.

Porque o sonho de Pitágoras  
fez da rosa um teorema  
porque o raio habita a esfera  
tudo vale a pena.

Porque Ulisses foi a Tróia  
cortando o mar com seu remo  
porque foi salvo do fogo  
tudo vale a pena.

E porque vazou o olho  
do gigante Polifemo  
porque honrou a ilustre espada  
tudo vale a pena.

Porque a Ursa nos contempla  
do céu quando noite plena  
porque os veios tocam flauta  
tudo vale a pena.

Porque te espero em Granada  
minha amada sarracena  
porque me tens seduzido  
tudo vale a pena.

Porque a terra ainda se move  
na galáxia do poema  
porque o mito oferta o seio  
tudo vale a pena.

*F*aça amor pela Internet  
com a sua namorada  
virtual.

Desista do orgasmo  
tradicional.

Não haverá camisinhas  
nem camisetas  
nem a corrida desesperada  
dos gametas.

Faça amor pela Internet  
sem sair de casa  
ou precisar de motel.  
Depois é só dormir  
ao som do Bolero de Ravel.

Bastará um sinal  
para que um rio de leite e mel  
jorre dos seios e das coxas  
do seu amor virtual.

*V*iajei nos labirintos  
do teu corpo  
na rósea escuridão  
de um túnel  
que o sol do teu sangue  
clareia.  
Saí do teu corpo  
voltei à concha das eras  
ao limo dos rios  
ao limbo do ventre da baleia.

## SERENATA DESESPERADA

*t*e amarei por telefone  
te amarei pelo telégrafo  
te amarei pelo satélite

te amarei de qualquer forma  
te amarei à revelia  
a favor ou contra a norma

te amarei quando partires  
te amarei quando voltares  
pela estrada do arco-íris

te amarei à vista do rei  
te amarei na montanha russa  
contra o vento ou contra a lei

te amarei de perto ou de longe  
te amarei no bar da esquina  
enquanto durmo, enquanto sonho

te amarei onde estiveres  
te amarei até o fim das eras  
ó pastora de panteras

te amarei sem rima e rímel  
te amarei pela Internet  
te amarei pela eternidade.

*T*odos vão ao bar  
quando faz sol ou faz chuva  
ou quando a tarde  
começa a fazer renda  
com os novelos do mar.

Todos vão ao bar  
aos sábados e domingos.  
Bebem cerveja e discutem  
sobre mulheres e poemas  
e o desejo de ancorar.

Todos vão ao bar  
para ver o tempo passar.  
As bundas e pernas  
das moças, essas coisas  
que infelizmente não são eternas.

## DONA DO SEIO

O que tinha de vir não veio.  
Só o vento bate de cheio  
no rosto do meu devaneio.

Foi-se a dona do seio  
mais belo do meu pastoreio.  
Ou me afogo ou me incendeio.

Quem ama sem receio  
bonito lhe parece o feio  
com direito a galanteio.

Onde estou não me leio.  
As águas correm do veio  
para um campo de centeio.

O amor não é metáfora  
é luta de vida ou morte  
nem sempre perde o mais fraco

nem sempre vence o mais forte.  
Sangue no lençol de linho  
orgasmo de espuma e areia.

O amor é fúria dos corpos  
mito jorrando das veias.  
Amor é faca amolada

na pedra, gume no cio  
é flecha varando a carne  
rio engolindo outro rio.

O amor não é metáfora  
desenhada no papel  
é chama abraçada ao corpo

feito cobra cascavel.  
Amor recende a pecado  
a sândalo e maresia.

É salto de maré cheia  
na hora da travessia  
dança e trapézio do corpo



que se rebela e se entrega  
do corpo que vai uivando  
dentro da luz ou da treva.

O amor não é metáfora  
nem rosa de pergaminho  
é jorro de sangue e fogo

dentro da taça de vinho.  
O amor não é metáfora  
é desvario do corpo

ceia de abismo, regada  
a sangue e vinho do Porto.  
Amor, uivo de cadela

em um campo de centeio.  
São as marcas dos caninos  
da jararaca no seio.

Quem quiser rugir, que ruja.  
O amor é rosa encantada  
num jarro de terra suja.

*P*equena sereia  
das ondas do mar.  
Aonde tu fores  
irei te buscar.

A vida é tão bela  
a morte é tão feia.  
Quem é teu amado  
pequena sereia?

Teu corpo de prata  
as ondas clareia.  
Como é que te chamas  
pequena sereia?

A espuma do mar  
parece uma aldeia.  
Onde é que tu moras  
pequena sereia?

Eu fui engolido  
por uma baleia.  
Quem é que me acorda  
pequena sereia?

Ontem, maré alta  
hoje, maré cheia.  
A vida é tão curta  
pequena sereia!

*U*m dia já navegamos  
entre marés de lençóis.  
Argonautas também fomos  
da nau volúvel do amor.

Um dia já nos perdemos  
na selva escura da carne  
e já fomos trespassados  
pelas rajadas do amor.

Um dia já nos achamos  
nas esquinas do pecado.  
Já bebemos desse vinho  
que acende os olhos do amor.

Um dia já repartimos  
a ceia do nosso corpo.  
Já vestimos a mortalha  
dos que morreram de amor.

Um dia já estivemos  
nas chamas do purgatório.  
Já dormimos ao relento  
separados pelo amor.

Seios de pedra-sabão  
na concha da minha mão.

Seios de terracota  
(o pêssego e a compota).

Seios de finos gumes  
comidos pelos cardumes.

Seios de faiança e limo  
voam quando me aproximo.

Seios que arrulham, veios  
que desferem gorjeios.

Seios de estames esguios  
decepados pelos rios.

## AGORA OU NUNCA

*t*erei de semear  
a terra dos mortos

retornarei ao ciclo  
dos ventos e das águas

esvaziarei a taça  
de absinto de tua nuca.

guardarei tua memória  
manchada de sangue

te ofertarei orquídeas  
e um ramalhete de punhais

velarei as éguas fecundadas  
por cavalos-marinhos

passarei sem mácula  
pelos umbrais da morte.

## OLHOS DE RAPOSA

*Em memória do Cego Aderaldo,  
O Homero do Nordeste*

Vim bater em vossa porta  
em figura de raposa  
venho das noites de feno  
de onde veio o filho pródigo.

Trago as vozes do acalanto  
as insígnias da cabala  
para que a morte não passe  
por perto de vossa casa.

Sósia e arauto do espantalho  
vim bater em vossa porta  
trago orquídeas e amuletos  
para a vossa namorada.

Trago mel de jandaíra  
leite de cabra e mostarda  
trago a brisa das campinas  
para a vossa namorada.

Trago amêndoas, trago a ceia  
de galinha em molho pardo  
trago odor de tangerina  
para a vossa namorada.

Trago a alba nos meus olhos  
minha égua, o meu cavalo  
trago o cio da serpente  
para a vossa namorada.

Em figura de raposa  
vos oferto a minha fala  
desculpai-me se demoro  
ó Senhor dono da casa.

Agora a lua é uma noiva  
que se veste de mortalha  
o vento expulsa as estrelas  
ó Senhor dono da casa.

Venho da noite e da aurora  
perseguido pelos raios  
venho de Tróia a cavalo  
ó Senhor dono da casa.

Venho das portas de Tebas  
arrasada pelo fogo  
chego à luz de vossa casa  
em figura de raposa.

Viajei setenta léguas  
ao redor da minha aldeia  
podei os br(olhos) das vinhas  
para a vossa namorada.

Ó Senhor dono da casa  
sou pescador e adivinho  
fui buscar conchas do Nilo  
para a vossa namorada.

Naveguei o mar de Ulisses  
quando o herói já regressava  
decorei versos de Homero  
para a vossa namorada.

Trago laranjas da Grécia  
e romãs de Cartagena  
ervas das várzeas de Évora  
para a vossa namorada.

Trago um cabrito de raça  
dos rebanhos de Labão  
argolas e braceletes  
para a vossa namorada.

Trago azeitonas da Espanha  
ensangüentada dos touros  
trago um soneto de Lorca  
para a vossa namorada.

Ó Senhor dono da casa  
desculpai-me se demoro  
se estou em vossa morada  
em figura de raposa.



Relevai-me se as palavras  
são mais volúveis que o vento  
se em figura de raposa  
hoje estou em vossa casa.

Descendente de andarilhos  
não herdei uma pataca  
trago aromas de eucalipto  
para a vossa namorada.

Trago uma rede de linho  
que tem a forma de um seio  
trago uma ânfora de azeite  
para a vossa namorada.

Vim dos confins do deserto  
mamei nas tetas da esfinge  
trago um seio de papiro  
para a vossa namorada.

Vi a estirpe de Sodoma  
devorada pelas chamas  
trago o adágio das esferas  
para a vossa namorada.

Vi Teseu no labirinto  
hoje estou em vossa porta  
trago eunucos de faiança  
para a vossa namorada.

Trago absinto e terebinto  
para alegrar vossa casa  
trago espelhos de Veneza  
para a vossa namorada.

Dos sertões das éguas russas  
das cascavéis de chocalho  
trago o estio das graúnas  
para a vossa namorada.

Trago frutos que ainda exalam  
frescor de terra molhada  
recebei-me em vossa porta  
ó Senhor dono da casa.

As éguas correm nos campos  
o cio engorda os cavalos  
dorme o vinho nas botelhas  
ó Senhor dono da casa.

Em figura de raposa  
chego à luz de vossa porta  
trago um pote de água fresca  
para a vossa namorada.

Dai-me o vinho que gorjeia  
nas garrafas de veludo  
que em figura de raposa  
brindo a vossa namorada.

Ó Senhor dono da casa  
que o céu guarde vossa esposa  
para eu sempre contemplá-la  
com meus olhos de raposa.

Quarta Parte

# LIVRO DO ESPANTALHO

Tanto de meu estado me acho incerto,  
Que em vivo ardor tremendo estou de frio;  
O mundo todo abarco e nada aperto.

*Camões (Sonetos)*



## COISAS PEQUENAS

*Para Airton Fontenele e Hamilton Monteiro*

1

O óbito cria  
o hábito. O hábito  
recria o óbito.

2

Com seu fulgor de onda  
desliza entre as chamas  
dos tigres a anaconda.

3

Pousa a borboleta  
na fotografia.  
A morte em linha reta.

4

O poeta olha de cima  
as sílabas que pastam  
nos prados da rima.

5

A rima é a muleta  
do verso de pé quebrado  
que dorme na gaveta.

6

A rima e o metro  
disputam o cetro  
e as pompas do féretro.

7

O vôo da borboleta  
na sala deserta.  
Uma curva? uma reta?

8

As horas caem do galho  
das estações. Pérolas  
ou gotas de orvalho?

9

A passo lento, o vento  
vai tecendo os fios  
das teias do tempo.

10

Cessa o clarim dos galos.  
Mas o ruflar das asas  
assusta os cavalos.

11

Com plumas de tamoio  
o sol dispara flechas  
no dorso do arroio.

12

Sósia do leopardo  
o sol tritura  
as vértebras da tarde.

13

Grilo afoito.  
Mói o silêncio  
trigo da noite.

14

Um grilo às ocultas:  
as noites estão ficando  
cada vez mais curtas.

15

Um grilo a outro grilo:  
espero que esse tarado  
não me faça mais aquilo.

16

Uma orgia de grilos.  
A noite os amamenta  
com seus negros mamilos.

17

Volúpias e artimanhas.  
Fantasmas são digeridos  
pelas teias das aranhas.

18

O vento, de chofre,  
apaga as chamas das velas.  
O morto cor de ocre.

19

Estas éguas de olhos claros.  
Vestígios da primavera  
ou do cio dos cavalos?

20

Veio de longe. Veio  
de um lago que deságua  
na curva do seio.



**21**

Tremor na copa da árvore.  
Um corvo pousa na calva  
dum busto de mármore.

**22**

A rosa e seu perfume  
não são mimos dos deuses.  
São dádivas do estrume.

**23**

Um peixe cor de ameixa  
passeia no aquário  
com seu batom de gueixa.

**24**

Um corvo na cornija  
pastoreia a chuva.  
Cada vez mais rija.

**25**

Tic tac tic tac tic tac.  
É o relógio triturando  
os ossos do almanaque.

26

Relógio, por que demoras?  
É tempo do funeral  
dos minutos e das horas.

27

Treme a rosa no galho.  
Não foi o vento?  
Foi uma gota de orvalho.

28

Na tarde cérula  
lança o anzol. Em vez  
de peixe, uma pérola.

29

Ó pescador de conchas  
do mar. Mais belas  
são as conchas do amor!

30

Tu não pescas nada  
se não pescas as conchas  
do corpo da amada.

31

Eles nos mandam cestas  
de mentiras e ainda  
nos fazem de bestas.

32

Não se esconda  
Gioconda da onda  
que ronda a anaconda.

33

Passeia pelo quarto  
com cauda de serpente  
e espanto de lagarto.

34

Deuses, centauros, potros  
nas relvas do paraíso.  
O inferno são os outros.

*(J. P. Sartre)*

35

A onda, Gioconda,  
se alonga e se arredonda  
igual a uma anaconda.

36

Tua bela rótula!  
Estrada de sândalo  
para a festa da cópula.

37

Onde anda a onda  
vai ficando a sombra  
do rastro da anaconda.

38

Cenário de ópera.  
Pombas na tarde azul  
asas para a diáspora!

39

De tão fino, o som  
dos sinos apunhala  
a alma das andorinhas.

40

Um deus tece a trama  
na frágil porcelana  
dos olhos de quem ama.

## CONFIDÊNCIAS DE ESPANTALHO

*Para a Natércia, com admiração*

Sonhei que eu era  
um espantalho  
de esponja e vidro.

Que eu fui seduzido  
por uma fada  
íntima da morte.

Sonhei que um pássaro  
chegado de outrora  
fitou em mim

seu olhar de sátiro  
fulminado pelos  
raios. Sonhei

que a luz escapava de  
uma veia aberta no  
meu corpo.

Que os dias jorravam  
das pedras, embora  
já fosse noite.

## TEMPO

*Para Regine Limaverde*

O tempo não mede o tempo.  
O tempo devora  
o tempo.

O tempo não foge do tempo.  
O tempo mergulha  
no tempo.

O tempo não recria o tempo.  
O tempo vive da utopia  
do tempo.

O tempo não se gasta com o tempo.  
O tempo tece a mortalha  
do tempo.

O tempo não deságua no tempo.  
O tempo é a eternidade  
sem tempo.

## STRIX ULULA

Ó pássaro da noite  
dançarino das sombras.

Teus olhos pastoreiam  
rastros de sangue nas trevas.

Noite alta, ergues teu ninho  
no peito dos mortos.

Do alto das cornijas  
escutas o rumor

das escamas do pântano.  
Com teu bico de foice

golpeias o enigma dos peixes  
no fundo das águas.

## PÁSSARO MORTO

*À memória de Bidu Sayão*

O pássaro já não solta a voz  
nem clareia as trevas  
com seus madrigais.  
O pássaro está mudo  
em seu féretro de plumas  
embalado pelos réquiens de Mozart.

O pássaro está calado  
já não ouve o gemido das cordas  
dos violoncelos.  
O ruflar das asas das harpas  
o clamor das nuvens  
sufocadas pelo sangue dos violinos.

O pássaro foi ao encontro de Debussy.  
Emigrou para as altas esferas  
onde a música se dissolve  
na sinfonia do caos.



## TRISTEZA

*T*riste como um rio  
que se evaporou a caminho do mar  
um pássaro de asas partidas  
uma árvore mutilada pelos raios  
uma paisagem sem árvores  
uma árvore que já não canta nem gorjeia  
uma vaca ausente do bezerro  
um menino seduzido pelo fantasma da mãe  
um seio onde o leite secou  
um ventre estéril  
o uivo de um cão golpeado pela foice da lua.

Triste como quem regressa do exílio  
e encontra a porta fechada.

O morto começa a apodrecer  
na sala vazia.

Até o Cristo de gesso  
que lhe puseram no peito  
parece incomodado com o fedor  
dos ramalhetes fúnebres.  
O defunto exala um cheiro de velas apagadas.

Aos poucos cessa o rumor do velório.  
Só o zumbido das aparências  
corta o silêncio constelado de moscas.  
O morto, se pudesse, expulsaria  
a corja de intrusos que o festejavam  
com falsos e sentidos pêsames.

O caixão é retirado às pressas  
pelos cavalos negros da funerária.  
Sabem que é longo o caminho de volta.  
O caminho que separa a matéria da eternidade.

## SONHO DE ESPANTALHO

*Para Luciano Maia*

Sonhou que era espantalho  
no meio de uma lavoura  
de seios e espigas.

Sonhou que foi seduzido  
pelos olhos em chamas  
das aves de rapina.

Sonhou que era uma coisa  
vestida de mortalha  
à espera da noiva.

Sonhou que amava a princesa  
de um castelo encravado  
nas retinas dum lago.

Sonhou que o arrebatavam  
num carro de fogo com  
sete cavalos negros.

Tantas perguntas  
tantas dúvidas  
tantas perplexidades  
tantos problemas, tantos teoremas  
tantos poemas, tantos dilemas  
tantas estratégias, tantas enciclopédias...

Não tenho certeza de nada  
nem do que sinto e que penso  
certeza do que se passa  
além do espaço e do tempo.  
Só a certeza da morte  
que vem de fora ou de dentro.

Tantas perguntas  
e tão poucas respostas  
e o homem cada vez mais esmagado  
com seu fardo de sonhos  
e de mentiras sobre as costas.

## A VIDA E SEU CURSO

*A* vida segue o seu curso  
indiferente ao que pensas e escreves.  
Uma folha rodopia no vazio  
sem se importar com as nossas metáforas  
e nossos poemas.

Todas as tardes ovelhas descem das colinas  
a caminho da aldeia.  
Um pássaro faz o seu ninho em tua calva.  
Moças de branco vão para a igreja  
de um subúrbio fétido.

O vento desfolha os seus vestidos  
o cristal de sua nudez incendeia os olhos  
e os desejos dos homens.  
Com a boêmia e a sensualidade de um urso  
a vida passa pela morte  
e segue o seu curso.

*A* vaca é um monumento  
de nervos e vértebras.  
Fanal no meio da paisagem  
a paisagem que se move  
a passos lentos, que  
se contempla e se basta a si mesma.

2

A vaca não é um conceito  
abstrato. É realidade  
que se move e te comove  
te pasta e te alimenta.  
A vaca acaricia teus sonhos  
com seu hálito salubre.

3

A vaca carrega os astros  
na garupa. À sombra  
da vaca, os pássaros fazem  
seus ninhos e os bezerros  
sonham com a morte  
dos futuros bois.

4

A vaca recria o tempo  
no ubre repleto de colostro.  
A vaca e seu mugido  
nunca se apagam da memória  
do vento. Ficam pulsando  
nas veias do seu rastro.

5

A vaca na várzea  
e no limiar da sede.  
A vaca na colina  
quando a colina era verde.

A vaca no estio  
já ruma o inverno.  
A vaca no vale  
quando o vale era verde.

A vaca no asfalto  
quando o asfalto era negro.  
A vaca no pasto  
quando o pasto era verde.

A vaca no banquete  
do orgasmo e da fúria.  
A vaca no espeto  
quando o espeto era rubro.

Sou o passado e o presente  
sou também o futuro.  
Os dias que se vão desfolhando  
em plumagem dourada.

Sou a sombra da árvore onde  
as feras repousam.  
O rastro que os ventos apagaram  
mas continua palpitando  
nas artérias da luz.

Sou o passado submerso na pele.  
A porta do futuro que  
se abre aos fantasmas expulsos  
de suas tumbas demolidas.  
Sou o futuro e sua nau  
de fogo boiando nas águas do dilúvio.

Estarei convosco quando o futuro  
chegar com a sua túnica  
de profeta indignado. E quando  
suas palavras forem mais  
terríveis do que um punhal cravado  
no peito do inimigo.



## RIO MORTO

O rio perdeu a água  
o rio perdeu o rumo  
o rio perdeu o cio

o rio perdeu o sangue  
o rio perdeu o pêlo  
parece um defunto esguio

o rio perdeu as asas  
o rio se encheu de mágoas  
o rio ficou vazio

o rio ficou deserto  
o rio morreu de sede  
o rio ficou sombrio

o rio perdeu as conchas  
o rio ficou sem peixe  
o rio tremeu de frio

o rio perdeu as veias  
perdeu o sono e a memória  
perdeu a chama e o pavio

o rio ficou sem leito  
o rio dorme ao relento  
o rio perdeu o brio

o rio está por um fio  
o rio foi engolido  
pela serpente do estio.

Onde quer que nos achemos  
no cartório ou no velório  
os mísseis estão conosco.

Na legenda do epitáfio  
no orgasmo da maré cheia  
os mísseis estão conosco.

Na penumbra dos conventos  
na clareira ou na clausura  
os mísseis estão conosco.

Nos olhos da Gioconda  
na curva do seu pescoço  
os mísseis estão conosco.

Na pedra que nos ampara  
quando o mistério é uma foice  
os mísseis estão conosco.

Na hora da nossa morte  
nas velas, nos ramalhetes  
os mísseis estão conosco.

No fogo do purgatório  
no sono feito de lágrimas  
os mísseis estão conosco.

## BALADA DA MOÇA DO FMI

*Para Hélio Leite*

*M*aldita seja a Teresa  
com seu colar de medusa  
e sua nenhuma beleza.

Maldita seja a Teresa  
veio da Roma de Nero  
zombar da nossa pobreza.

Maldita seja a Teresa  
não leu o Inferno de Dante  
com toda a certeza.

Maldita seja a Teresa  
com seus caninos de fera  
rasgando o ventre da presa.

Maldita seja a Teresa  
que expõe as nossas feridas  
nos quatro cantos da mesa.

Maldita seja a Teresa  
que enxovalhou nosso orgulho  
sem qualquer delicadeza.

Maldita seja a Teresa  
que tem arrulhos de pomba  
e o faro de uma anaconda.

*F*oi no sermão da páscoa  
que o bispo falou aos fiéis sobre a visita  
do protonotário.

Foi o bastante para que a cidade inteira  
ficasse em polvorosa.

Durante vários dias não se cogitou  
de outro assunto.

O protonotário estava na boca de todos  
no pensamento de todos  
na pele de todos, no sonho de todos  
na irreverência de todos  
e até mesmo em seus pesadelos.

Quando o protonotário desceu do automóvel  
meia dúzia de gatos-pingados  
aplaudiram um velhinho descabelado  
zarolho, de ventre rotundo  
e que por cima de tudo  
fedia a rapé e a cigarro de palha.

## REVERÊNCIA

Tira o chapéu ao morto  
que passa em seu caixão de veludo e cedro. Tira o chapéu a esse espantalho que já não ouve a melodia das artérias.

Tira o chapéu ao que foi seduzido pela morte, à romaria vestida de negro. Tira o chapéu aos que o vão carregando para o seu santuário de terra fresca.

Tira o chapéu aos sapatos de verniz, ao terno de linho e ao seu bigode. Tira o chapéu ao ramalhete de plástico que lhe puseram no peito sem glória.

Tira o chapéu ao relógio de quartzo, aos caninos de ouro e à gravata de seda. Ao fantoche que vai cavalgando o seu nariz de duzentas léguas.

Tira o chapéu ao que se despede da vida, vazio de santidade e de volúpia. Curva-te à matéria que passa trescalando a naftalina e cachaça.

Ó anjo decaído  
o que você fez  
para ser expulso  
pela ira de Deus?

O que você fez  
para ser banido  
das secretas portas  
de fogo do paraíso?

Você já não mora  
na esfera mais pura  
suas asas arderam  
nas chamas da fúria.

Ó anjo decaído  
o que você fez  
para ser trespassado  
pela ausência de Deus?

## RETRATOS

*O*s retratos na parede são de homens ilustres  
assassinados de emboscada  
ou apunhalados pelas flechas do amor.

Foram comerciantes ou senhores feudais  
donos de terras, fazendas, sesmarias  
de mansões de pedra com duzentas janelas.

Esbanjaram luxúria em suas camas de cedro  
coabitaram com mulheres adúlteras  
que trescalavam a pecado e sândalo.

Veio um raio do céu e derrubou suas casas  
de pedra, as vigas e esteios fortificados.  
Os cavalos e as éguas sumiram dos vales.

As horas vão puxando a carruagem da noite.  
O vento cambaleia entre chamas apagadas  
as cinzas e fotografias dos homens ilustres.

*A* vida é feita de pequenas alegrias  
e grandes tragédias. Um dia já não seremos  
o mesmo rosto nem a mesma voz.  
As fotografias nas paredes voltarão  
a seus aposentos quando a noite chegar.  
O homem é apenas memória de  
uma bolha que explodiu no fundo do mar.

Vivemos entre histórias e escórias.  
A vida é uma taça de colostro  
que se esvazia antes do amanhecer do dia.  
Tudo se passa com tal velocidade  
que de repente estaremos nus  
aos olhos da eternidade.

### O HOMEM E A BENGALA

*O* homem se apóia na bengala  
ou a bengala se apóia no homem?

A bengala conduz o homem  
ou o homem conduz a bengala?

O homem bolina a bengala  
ou a bengala bolina o homem?

Aonde vai a bengala vai o homem?  
onde está o homem vai a bengala?

A bengala vai ao enterro do homem  
ou o homem vai ao enterro da bengala?



## ODE CÍNICA

*B*ebe o vinho do teu odre  
enquanto podes  
amar com a irreverência  
e a sensualidade dos bodes.

Bebe o vinho de uvas frescas  
enquanto não explodes.  
Oferta à mulher amada alguns  
anéis, algumas odes.

O vinho transforma o homem  
num colosso de Rodes.  
Por isso esvazia a taça da  
volúpia dos bodes.

Bebe o vinho do teu odre  
e não te incomodes  
se as deusas forem seduzidas  
por faunos de bigodes.

*T*odos somos primevos  
todos somos primatas  
mas escondemos nossos  
vícios e nossas taras.

Sobre nossas cabeças  
longa noite desaba.  
Todos somos primatas  
e escondemos a cauda.

Os pijamas de listras  
balouçam no cabide  
mas o primata está nu  
na caverna do id.

Às vezes escrevemos  
versos de amor na lauda.  
Todos somos primatas  
e escondemos a cauda.

## PAIXÃO INÚTIL

*Para Eduardo Campos*

*A* vida é uma paixão inútil  
diz Jean Paul Sartre.  
Paixão que nos levaria  
a nenhuma parte.

Amarga filosofia  
da alma petrificada.  
O homem é uma utopia  
entre o ser e o nada.

Entre o ser e o nada  
entre o sonho e a matéria  
entre o corpo e o vento  
entre a nudez e a pele.

Como toda paixão  
a vida se acaba.  
Da mesma forma que um réptil  
perde a cauda.

O vento será teu epitáfio  
no declive da colina.  
À sombra dos eucaliptos  
o vento será teu epitáfio.

Quando as galáxias arderem  
nas sete esferas do espaço.  
Quando as pombas emigrarem  
o vento será teu epitáfio.

Se os sinos alçarem vôo  
das torres do campanário.  
Se a lua estiver de luto  
o vento será teu epitáfio.

Se a chuva jorrar do céu  
(todas as cordas da harpa).  
Se o lobo uivar nas cavernas  
o vento será teu epitáfio.

Na hora da maré cheia  
na hora da maré alta  
na hora de tua morte  
o vento será teu epitáfio.

## RIO DOS ANCESTRES

O rio de meus avós já não passa  
na aldeia nem escuta o rumor dos meninos.  
O rio de meus avós tinha a mansidão  
das ovelhas do pastor.  
Ainda vejo o rosto de meu pai refletido  
nas águas desse rio.  
Ainda me contemplo na memória  
azulada desse rio sem nascente e foz.  
Ainda mergulho em suas águas  
trespassadas pelos raios do meridiano.  
O rio de meus avós já não passa  
pela aldeia dos meninos  
porque os meninos da aldeia estão todos mortos.

O corpo é aquilo que se entrega aos sentidos  
a alma, o enigma que não se decifra.  
O corpo e a alma se completam  
da mesma forma exata  
que as duas metades de uma conha.

Aonde vai o corpo  
vai a alma acorrentada a ele  
ao ritmo da carne e do sangue  
ao fulgor da volúpia e da liberdade.

Enquanto o corpo segue o rumo de  
todas as coisas que se multiplicam e apodrecem  
a alma se evapora pelas portas da carne  
diz adeus aos pecados da matéria  
e alça vôo para a eternidade.

## DONOS DA TARDE

Visto meu paletó de espantalho  
e ponho gravata de listras  
herdada dum sósia do Judas  
numa noite de vinho e de páscoa.

Saio a vagar pelas alamedas  
e avenidas de maresia.  
Andorinhas ensaiam juras  
de amor nos fios da rede elétrica.

O entardecer desmaia sobre  
as dunas. Navios partem para o caos  
pelas rotas do mito e do sonho.

Os bares estão repletos  
de corações vazios. Os gatos  
e os bêbados são os donos da tarde.

Os sapos elétricos  
moram nos charcos  
nos lagos, nos pântanos  
nas frinchas dos barcos.

Os sapos elétricos  
são guitarristas  
que tocam boleros  
e baladas tristes.

Os sapos elétricos  
já foram argonautas  
no tempo em que Homero  
voltava de Tróia.

Os homens não seriam  
lagartos patéticos  
se ouvissem as guitarras  
dos sapos elétricos.



## NOITE DOS CÃES

*A* noite é longa, a existência breve.  
A chuva é uma fuga de Bach.  
Os cães estão latindo  
e semeando presságios nas ruas desertas.

Os ruídos da noite são vozes de fantasmas  
que já perderam a memória.  
Os mil olhos de topázio da chuva  
contemplam os pântanos e estrelas distantes.

A pêndula, Penélope, costura  
a mortalha das horas na sala deserta.  
Uma vela de cera pranteia  
as borboletas e a ausência dos mortos.

Os cães já não tocam os seus violinos.  
As vidraças das janelas, banhadas de lágrimas.  
Os minutos têm cheiro de século.

Cadê os olhos do gato  
boiando no quarto escuro?  
Cadê o anjo de pedra  
que mijava vinho puro?

Cadê as moças da tarde  
com perfume de gardênia?  
Cadê as noites de inverno  
entre espirais de alfazema?

Cadê os muros da igreja  
cercados por eucaliptos?  
E o sangue que já não jorra  
das chagas dos crucifixos?

Cadê os perus barrocos  
com recheios aromáticos?  
Cadê as flechas romanas  
dos algarismos arábicos?

## CHAMA APAGADA

Não sei de onde vim  
não sei para onde vou.  
Se perguntarem por mim  
digam que não estou.

A terra que se move  
move o pássaro em vôo.  
Onde me achei outrora  
agora já não estou.

O rio já não corre  
na água que passou.  
A sombra que me segue  
não saberá quem sou.

Quando chamei por ela  
o vento se calou.  
O amor é aquela chama  
que se apagou.

*A*os olhos do relento  
durmo sem pesar e sem receio.  
Tenho a visita dos pássaros e do vento.  
Nada espero dos homens e da morte.  
Eternidade, campo de centeio.

## HOMEM LAGARTO

*T*ão precário é o homem  
que do homem nada sobra,  
além da pele exausta  
expulsa pela cobra.

O homem que contempla  
o abismo constelado  
sequer pergunta ao vento  
se será contemplado.

O homem que rasteja  
no húmus do seu quarto  
com sua cauda atávica  
de ancestral do lagarto.

## O SONO DO GATO

O gato, ausente do corpo  
num sofá de veludo.  
Como se estivesse morto  
ou distante de tudo.

O gato dorme. A cauda  
é uma salamandra de cristal.  
Suas retinas parecem  
duas ampolas de morfina.

Invejo a sensualidade do gato  
sua volúpia e seu conforto.  
O seu corpo que dardeja  
como se estivesse morto.

## RASCUNHO DA SOMBRA

Sou o rascunho dum pássaro  
degolado pela sombra

Sou o espectro da água  
de volta ao ventre da bolha

Sou a sombra dos raios  
gama trespassados na esfera

Sou a sombra que rasteja  
acorrentada a si mesma

Sou a sombra de uma nuvem  
ancorada na paisagem

Sou a sombra decepada  
pelas vogais do epitáfio

Sou a sombra na janela  
dum solar que nunca houve.

## COPO DE INSÔNIA

*U*m copo de insônia  
para acordar os fantasmas  
e duendes que ruminam tua memória.

O tempo se escoia pela vidraça  
da janela de um quarto  
que só existe na tua imaginação.

Os objetos que te rodeiam  
não são objetos, são aparências  
da realidade fugidia.

A nuvem que veleja no céu  
é uma nau a caminho do exílio.  
Viver é se afogar num copo de barbitúricos.

O sol nasce para todos  
mas só bem poucos  
são convidados  
para a ceia da luz.

O sol nasce para todos  
mas nem todos  
debulham as espigas  
de ouro do sol.

O sol nasce para todos  
mas nem todos  
conseguem sair  
da sombra.

## ENIGMA DE DUAS FACES

O s vivos nada  
sabem da morte  
porque nunca morreram.

Os mortos e sua coorte  
também não sabem  
porque já morreram.



## TUDO VELHO SOB O SOL

*Para José Bonifácio Câmara*

Tudo se repete no universo  
no poema e no verso  
no semelhante e no diverso.

O defunto na gaveta  
de bigode e costeleta.  
Tudo se repete no planeta.

Tudo se repete por igual  
no particular e no geral  
acima do bem e do mal.

Tudo se repete na memória  
nos rituais dos gestos sem glória  
e nas mutações da história.

Tudo na vida se repete.  
Até o morto vestido de colete  
que trafega pela Internet.

## VINHO DO PORTO

*Para Ascendino Leite*

*A* vida é um sonho  
distante do corpo.  
Um sonho que se move

fora da realidade.  
Sonho que se projeta  
fora do nosso corpo.

A vida sacode a cauda  
e o sonho muda de forma  
dentro do nosso corpo.

É como beber um vinho  
sabendo que é vinho verde  
mas não é vinho do Porto.

## POEMA BANAL

*M*orrer não tem sentido.  
Melhor se o não tivesse.

Morrer é acordar a alma  
quando o corpo adormece.

Morrer é tão cafona  
morrer é tão banal.

Morrer de tantas formas  
morrendo de forma igual.

Morrer é fugir do centro,  
sair do espaço e estar dentro.

Morrer não faz parte  
do sonho nem da arte.

Se tiver de partir, parto  
no relâmpago do infarto.

*A* vida é um vento  
que passa ao largo.  
A morte é uma taça  
de lêvedo amargo.

A vida é a dourada  
volúpia das feras.  
A morte, o que resta  
do cio das eras.

A vida é um salto  
da ponta da escarpa.  
A morte, a ruptura  
das cordas da harpa.

A vida é uma história  
que não se repete.  
A morte, a nudez  
que de nada se veste.

## NUNCA VI O TEJO

Nunca vi o Tejo  
nem seu dorso arcaico de baleia.  
Só em sonhos o vejo.

Nunca vi o Tejo  
levando heróis e augúrios para as Índias.  
Só em sonhos o vejo.

Nunca vi o Tejo  
de olhos marejados, o Tejo em chamas.  
Só em sonhos o vejo.

Nunca vi o Tejo  
escrevendo espitáfios de espuma na areia.  
Só em sonhos o vejo.

Nunca vi o Tejo  
pastor das naus e odes de Camões.  
Só em sonhos o vejo.

Nunca vi o Tejo  
em quem poder algum não teve a morte.  
Só em sonhos o vejo.

*A* carne não é de seda,  
é coisa de pergaminho.  
É sonho apenas, invento  
de alguma deusa da fúria.

A carne é sócia do anjo,  
foi seduzida em Gomorra.  
Limo do húmus do mar  
que ao mar regressa depois.

A carne é apenas objeto  
de barro que devaneia.  
Chama vogando na vaga,

asa que sustenta a alma.  
A carne é um verso de espuma  
que o vento escreve na água.

## SE A TERRA NÃO FOSSE REDONDA

*P*orque algum matemático  
disse que a terra é redonda,  
todos agora acreditam  
que a terra é mesmo redonda.

Os anos vão se passando  
com o seu rumor de onda  
e já ninguém mais duvida  
que a terra é mesmo redonda.

Mudaria alguma coisa  
nessa comédia hedionda  
se a bolha de sangue e areia  
não fosse mesmo redonda?

Quem me pode garantir  
que aos olhos da Gioconda  
não fosse a terra quadrada  
e muito menos redonda?

## TRAGÉDIA URBANA

*Em memória do velho Sócrates*

Ele morava num hotel de terceira classe.  
Fumava charutos ordinários com a mesma volúpia  
dos que saboreiam charutos cubanos.

Passava os dias sentado numa cadeira de balanço.  
Contava estórias do seu passado distante,  
de filhos, netos e parentes mitológicos.

Os filhos e os netos jamais o visitaram.  
Talvez existissem apenas na imaginação  
de um velho apunhalado por muitas ausências.

Costumava falar sozinho, resmungava  
palavras inaudíveis. Às vezes até  
gargalhava para si mesmo e seus fantasmas.

Numa tarde de sol, quando as sombras  
dos arranha-céus já entravam pelas janelas,  
a morte o visitou, sem aviso prévio.



**O RIO E OS REMOS**  
*Para Edmilson Caminha Júnior*

*U*m dia a mais  
um dia a menos.

Já não importa  
o que seremos.

Um dia a mais  
se tudo é imenso.

Um dia a menos  
não nos pertence.

Um dia a mais  
são nossas rugas

com seus desenhos  
de tartarugas.

Um dia a mais  
um dia a menos.

Ao negro rio  
com nossos remos.

O corpo é uma nau ancorada na lenda.  
Uma taça de lêvedo que se parte  
em fragmentos de cristal.

O corpo te segue por uma estrada de fogo  
até o portal do assombro.

O corpo é uma lâmpada extraviada  
pórtico demolido das águas.  
Uma palavra esculpida na intimidade da pedra  
para que se cumpra o testemunho  
dos visionários do eterno.

O corpo se abre e se fecha  
igual a uma flor sonhada pelos deuses.

Sou um grão de poeira  
perdido na imensidade  
de uma gota d'água.

Sou um grão de poeira  
que entrou pela janela  
onde a luz já dormia.

Sou um grão de poeira  
que pousou de leve  
na ausência do morto.

Sou um grão de poeira  
de regresso ao vento  
e às núpcias do vazio.

Sou um grão de poeira  
trespassado no olho  
da eternidade.

## TODOS SOMOS DESCARTÁVEIS

Cada um de nós escreve o seu epitáfio  
com vogais e consoantes de areia  
cada um de nós procura a efígie de um deus  
por entre as ruínas de si mesmo  
cada um de nós é um primata que leva para  
a cama o lixo de seus atavismos  
cada um de nós imagina que foi amamentado  
pelas tetas de uma loba romana  
cada um de nós sonha que foi gerado  
nas entranhas de uma princesa da estirpe de Davi  
cada um de nós é a sombra de um crápula  
seduzido pelos rituais da cópula.  
Um espantalho que perdeu os sentidos  
que todos os domingos vai à missa  
e come as palavras de fogo do apocalipse.

## O VENTO É TEU EPITÁFIO

*N*ão enfeites o mármore com palavras vãs.  
Nenhuma vida merece a perenidade  
do mármore.

A morte nos consagra com a sua quietude  
sem olhos e sem pompa.

As palavras são metamorfoses de areia  
que o vento destrói.

Tudo o que escreveres no mármore  
serão folhas extraviadas  
de um outono sem viço e sem memória.

A lua e os astros de sangue  
te seguirão ao redor do tempo e da noite.  
A morte se basta.

## TAÇA DE AREIA

Carregamos no peito  
um coração de cera.  
Com essa taça de areia  
é que ousamos erguer  
um brinde ao amor!

## VIDA

Vida, casulo de seda  
de onde a borboleta alça  
vôo para a morte.

A vida é uma fímbria de seda  
acariciada pelo cio  
de uma labareda.

Quinta Parte

## **DISCURSO DA IRA**

Cá, onde o mal se afirma e o bem se dana  
E pode mais que a honra a tirania;  
Cá, onde a errada e cega Monarquia  
Cuida que um nome vão a Deus engana.

*Camões (Sonetos)*





## FRAGMENTOS DE UMA ÉPICA DO COTIDIANO

*Ao Poeta Gerardo Mello Mourão*

*T*odos os dias acordo para os mesmos rituais.  
O espelho me devolve as rugas de ontem.  
Acordo e sei que é preciso remar a nau da vida  
seguir a romaria dos fatos e dos ventos  
o nascimento de novos sonhos e problemas.  
Todos nós vivemos e morremos sozinhos.  
Os deuses, empoleirados nas alturas,  
fogem do mau hálito dos homens.  
Meus problemas são os meus poemas  
meus cabelos dilacerados e a barba por fazer.

### 2

No momento em que te levantas  
começas a decifrar a caligrafia dos sonhos.  
A noite desaba sobre o teu corpo  
com a estupidez de um rinoceronte.  
Logo mais outras noites virão, outras  
madrugadas, outras romarias de fantasmas.  
Logo mais tudo se apagará de tuas  
retinas e só restará uma nódoa de sangue  
na memória dos teus lençóis.  
Quando acordas, a engrenagem da vida  
começa a funcionar com a mesma  
precisão dum bólido que despencou do céu.

3

O tempo é apenas uma variável  
para medir as mutações dos teus sentidos.  
Enquanto dormes, deixas de existir  
mas o tempo continua a esculpir a morte  
no pergaminho de tuas artérias.  
Nada podes contra o tempo e o galopar  
de seus cavalos adestrados.  
O tempo é um dragão alado, albatroz  
fulminado pelas flechas dos deuses.

4

Teus cabelos dilacerados já não são os mesmos.  
Podes fazer o espelho em pedaços  
podes mudar de idéia ou de endereço  
podes invocar a infância demolida  
os velocípedes mutilados  
e as reminiscências escondidas no sótão.  
Nada disso mudará o fato de que  
envelheceste, de que os deuses  
te evitam, de que já não serás lembrado  
no dia do teu aniversário ou do  
teu velório. Na hora da ceia, os convidados  
erguerão um brinde de sarcasmo  
ao naufrágio de tua memória.

## 5

Meus problemas são pequenos demais.  
Os olhos das formigas são maiores  
do que os meus problemas.  
A vida é uma lavoura de pólvora.  
Cada um de nós é o monarca dum reino de cinzas.  
Cada pessoa terá de escrever  
seu epitáfio de espuma na insônia da pedra.  
A noite vasta chegará de repente  
pela janela aberta. Mais uma vez os galos  
cantarão de madrugada para anunciar  
o cortejo da aurora e o velório do rei.

## 6

Acordo para a dura realidade de todos os dias.  
Os jornais sobre a mesa estão manchados  
de sangue. Mulheres assassinadas  
pelos amantes, o retrato do suicida que  
saltou do décimo andar de uma  
ficção de areia e vidro. Leio os jornais  
e me dou conta de que sou cúmplice de todas  
essas tragédias. Os espelhos me dizem  
palavras de sarcasmo e me ofertam  
alegorias em letras garrafais.  
Nunca vi os rostos dessas pessoas  
mas suas aflições chegam até mim com  
a violência dum bólido que despencou do céu.

7

Todos me dizem que é preciso salvar as aparências  
que o amor é a estrada do paraíso  
que a vida é tudo o que importa  
que o céu dardeja infinitamente longe  
dos nossos olhos, que os homens não passam  
de condenados a caminho do patíbulo.  
Ninguém protesta contra o cinismo  
e o despudor das leis, a hipocrisia dos  
tecelões de fomes e de intrigas.  
Basta de mentiras, basta de curvar  
o espinhaço à esfinge de vestido azul  
que nos governa com a ponta do seu nariz.

8

Poucos são os convidados ao banquete da vida.  
Sempre existirão os deserdados  
aqueles que semeiam mas não colhem  
os que só comem espigas podres  
os que não se aproximam do banquete  
e não têm uma túnica para vestir.  
Até quando teremos de esperar pelas respostas  
do céu, pela grande voz do anjo vingador  
que nos diga o que devemos fazer?  
Até quando as sombras dos mendigos  
rastejarão entre a sensualidade dos cães  
sob o olhar compassivo das esferas?

## 9

Teu verdadeiro rosto está soterrado no limo do id.  
É lá que se encontra a placenta de todas  
as tuas sensações e utopias.  
É nesse âmbito gelatinoso e difuso  
que estão os moldes do teu ser  
as matrizes e contornos de todas as tuas  
existências pretéritas.  
É lá que se encontram teus primeiros sonhos  
de primata, tua cauda de lagarto  
teu odor de cio e de dilúvio.  
É de lá que ainda chega a aragem do pecado  
os impulsos e a memória do teu corpo  
a matriz de todos os teus desejos  
e tuas tentações de canibal.

## 10

A vida me tem seduzido com todas as suas  
mitologias, todos os seus mistérios  
todas as suas metafísicas, toda a sua  
densidade povoada de espíritos e esferas.  
A vida me acena com a sua nudez  
entreaberta, com as suas fendas úmidas  
de sangue e seu sexo cravejado  
de borboletas. Com suas entranhas de chumbo  
e seu odor de vaca recém-parida.  
A vida me tem ofuscado com suas lantejoulas  
seus anéis e braceletes de prostituta.

## 11

Convivemos com seres alados e escorpiões.  
Seria preciso acreditar que os anjos  
existem, que nos namoram e nos pastoreiam  
e que das esferas velam por nós.  
Os homens são apenas lagartos sensuais  
com seus olhos desorbitados  
fitando os emblemas de seus atavismos.  
Se os homens fossem anjos  
seriam expulsos dos jardins do paraíso  
transformados em estátuas de sal  
em alguma Sodoma devastada pelos raios.  
Ou seriam solidários com o ranger  
de dentes dos hóspedes da escuridão.

## 12

A paixão tem de ser lúcida, nos ensina  
o poeta. Tem de enxergar os olhos  
de uma agulha no fundo do mar.  
De encontrar a pérola na intimidade da ostra  
de distinguir o pulsar da centelha  
no coração da matéria. A chama nos pântanos  
do corpo e em todos os seus recintos  
de sombra e de luxúria. Tem de vislumbrar  
o sol do ser nas entranhas do mito.  
Tem de erguer um santuário para a esperança  
de inventar um deus para ordenar o caos.

### 13

Cada manhã recapitulamos a rota  
do suicida, calçamos os nossos sapatos  
sujos de sangue, surrupiados de algum mendigo.  
Cada manhã assinamos um pacto com  
a morte. Cada manhã os ponteiros do relógio  
nos assassinam com seus punhais de vidro.  
Cada manhã somos um dia a menos no calendário  
das nossas utopias. Uma esperança  
dilacerada que se transforma em pesadelo.  
Os deuses são mitos distantes  
seus olhos estão repletos de sarcasmo.

### 14

Os primatas são deuses carrancudos  
que nos devotam ironia e desprezo. Eles nos  
odeiam desde a origem dos dias e das  
noites. Desde a maldição de Caim e o regresso  
do filho pródigo. São nossos parentes  
mais velhos, com a vantagem  
de haverem trocado o sonho pela cauda.  
Dizem que somos primatas civilizados  
que desenvolvemos raciocínios matemáticos  
e teorias quânticas. Alguns primatas foram  
filósofos peripatéticos. Um deles formulou a Teoria  
da Relatividade enquanto arranhava as cordas  
do seu violino. Outros são economistas  
e nos trapaceiam em vários idiomas.

Os pobres estão se evaporando  
à vista de todos.

O tempo vai passando  
os pobres vão se decompondo  
seus rostos são apagados pelo vento  
e da memória dos computadores  
até que ninguém se lembre  
mais de suas caveiras sorridentes  
afugentando os parasitas dos burocratas  
nas repartições públicas.

Os pobres estão sumindo  
aos olhos de todos.

O tempo os vai tornando  
cada vez mais parecidos com a morte.  
Enquanto isso, os poderosos  
sacodem suas nádegas fotogênicas  
fazem belos discursos para a distinta platéia  
e afagam avidamente as orquídeas.



## POLIGLOTAS DO PLANALTO

*Para Salomão Sousa*

*E*stamos à mercê  
dos políglotas

de suas mentiras  
de suas lorotas

os políglotas  
fazem cambalhotas

zombam de nós como se  
fôssemos idiotas

os políglotas nos  
apunham pelas costas

vão à mesa das compotas  
e pagam a conta com nossas notas

ó raça dos políglotas  
para o inferno com vossas anedotas.

## DISCURSO DO REI PARA OS NORDESTINOS

*A Pedro Henrique Saraiva Leão*

Vocês são pobres por causa dos maus hábitos  
e dos fenômenos climáticos  
você não precisa de esmolas  
nem de sacolas nem de fazer carambolas  
nem de masturbação solidária  
nem de reforma agrária  
não precisa de energia monofásica  
nem de cesta básica  
também não precisa de dentadura  
pra mastigar rapadura  
não precisa ir a Frankfurt  
para comprar iogurte  
não precisa correr os badalos  
porque o rei governa a carruagem  
enquanto os vassallos cuidam dos cavalos.

## CANÇÃO DO FOSSO

O povo fala grosso  
mas não segue adiante  
porque tem um fosso.

O povo mostra o rosto  
mas não pode ser visto  
porque tem um fosso.

O povo não tem sobrosso  
mas é expulso da festa  
porque tem um fosso.

O povo paga imposto  
mas fica à margem do rio  
porque tem um fosso.

Fosse de que modo fosse  
a vida não mudaria  
porque tem um fosso.

A fome mostra o seu dorso  
mas não prova do manjar  
porque tem um fosso.

Espectros de escárnio e osso  
contai vossa fome ao vento  
porque tem um fosso.

## O INFERNO SÃO OS OUTROS

O inferno são os outros  
que vêm de toda parte  
a dentadura no copo  
da arte pela arte.

O inferno são os outros  
gênios dos pés às orelhas.  
Suas teorias e suas  
bravatas de listras vermelhas.

O inferno são os outros  
seus pensamentos calvos.  
Os outros que se embebedam  
de pompa e dilemas falsos.

O inferno são os outros  
suas teses e antíteses  
seus brilhos e estribilhos  
seus flatos cosmopolitas.

## PARABÓLICAS

*A*quele ministro  
de aspecto um tanto sinistro  
chegava a sentir cólicas  
toda vez que se lembrava  
das inconfidências  
das antenas parabólicas.

## MESA QUADRADA

*O* ministro **A** explica  
que o Fundo Monetário  
é a favor do aumento de impostos  
e da redução de salários.

O ministro **B** adverte  
que nem só de salário se vive  
e que as reservas cambiais  
estão em queda livre.

Acha o ministro **R** que  
as pessoas estão ficando doidas.  
Depois afaga o traseiro  
por causa das hemorróidas.

*N*ão passamos  
de frágeis babuínos  
extraviados na selva da vida.  
A cauda dos antepassados  
ainda acaricia  
a arrogância de alguns cretinos  
que se vestem a rigor  
para os funerais dos nordestinos.

Ungimos nossos corpos  
com essências e perfumes finos  
mas nada esconde o odor  
atávico que herdamos  
dos babuínos.

**CIÊNCIA**

*D*izem que a ciência é exata  
tão exata que às vezes  
o tiro sai pela culatra.

Dizem que a ciência  
de tão exata  
não ata nem desata.

Dizem que está ficando chata  
e quando não mata  
desidrata.

## OS ABUTRES

*A* revoada dos abutres pousou sobre nossas casas e nossas cabeças.

Chegaram repentinamente do inferno capitalista e dilaceraram nossas entranhas com suas garras sujas de sangue.

Os abutres vieram até nós e nos entregaram mortalhas consteladas de algarismos.

Algarismos arábicos e romanos  
equações dos mais variados feitios  
armadilhas e tramas algébricas que só os abutres  
de outros planetas conseguem decifrar.

Estamos cercados pela alta hierarquia dos abutres. Pelos seus olhos velozes e vorazes. Pela obscenidade e a volúpia de suas orgias. Pelo fedor de seus movimentos fúnebres. Os abutres não dormem até que devorem nossas almas reminiscências e utopias mas íntimas.

## CEIA AMARGA

Somos convidados a uma ceia amarga  
nada sabemos do que se passa  
para além de nossa pele e dos nossos sentidos.

É como se não existisse a memória de Deus.  
Como se tudo nos fosse negado  
e não tivéssemos direito às migalhas da terra.

Somos vassalos de um rei que vendeu o cetro  
à matilha dos moedeiros falsos.  
Esse rei não é dono da terra nem da água  
os ventos e as aves do céu não lhe pertencem.

Esse rei vale menos que um punhado  
de espigas podres rejeitadas pelos porcos.  
Seu corpo será devorado pelos abutres  
que habitam num solar de labaredas.

## AVARENTO

Já disseram que tudo cabe no poema.  
Menos a lágrima do avarento  
que teve o seu tesouro  
surrupiado pelos ladrões.

Atentai para o que digo:  
a lágrima do avarento também  
cabe no poema. Mas só  
pode entrar pela porta dos fundos.



## A UM REI QUE VAI MORRER

*A*lteza, as trevas descem  
sobre o patíbulo.  
Os crepes da morte e o fumo  
do seu turíbulo.

As trombetas já ressoam  
com fulgor cruel  
ao ruflar dos tambores  
do Bolero de Ravel.

A turba lava é com sangue  
nódoas da História.  
Bebei a esponja de fel  
de vossa glória.

Por estradas de sol, passa  
o tropel dos cavalos.  
Foram-se, Alteza, a volúpia  
e vossos vassallos.

A fúria do povo é um rio,  
às vezes transborda.  
(Vossa memória enforcada  
no laço da corda).

Vem de alamedas e aguadas  
um clamor estrídulo  
de metais. Estais nos últimos  
degraus do patíbulo.

O som da corneta fúnebre  
ressoa mais forte.  
Alteza, é chegada a hora  
de vossa morte.

## ANATOMIA DO PODER

O poder recua quando diz que avança  
o poder avança quando diz que recua  
o poder só pensa no seu odre  
o poder não desvela a sua face  
porque a face do poder é podre.

O poder escreve torto por linhas retas  
o poder usa gravata de seda  
e falsos brilhantes no broche.  
O poder não suporta o odor do povo  
e ordena que o povo coma brioche.

O poder mente quando diz a verdade  
o poder prevarica e trapaceia  
no jogo da vida e no jogo das cartas  
o poder é vaiado pela plebe  
e se vinga quando a plebe o esporeia.

O poder, serpente que muda de pele  
e destila veneno pelos poros.  
O poder é uma jibóia dançarina. Seduz  
os incautos que lhe passam por perto  
e os mata com seus dentes de morfina.

A volúpia do poder não tem limites  
o poder é amante que nunca se farta  
o poder não reparte o mel do seu odre  
o poder não desvela a sua face  
porque a face do poder é podre.

O diabo não é o anjo  
de cauda e dorso de serpente  
nem a serpente de limo  
que engole as águas do pântano.

O diabo não é a serpente  
de cabeça tríplice.  
A serpente de língua triangular  
a serpente de olho fixo.

O diabo não é o dragão  
que vomita chamas de enxofre.  
O diabo não é o anjo  
ao leme da nau do inferno.

O diabo não é o raio  
que parte a noite no meio.  
O diabo não é nada disso.  
O diabo é o capitalismo.

## BICHO PEQUENO

Esse bicho da terra tão ladino  
esse bicho da terra tão volúvel  
esse bicho da terra tão cretino.

Esse bicho da terra e seu veneno  
esse bicho da terra tão corrupto  
esse bicho da terra tão pequeno.

Esse bicho da terra tão afoito  
esse bicho da terra tão lascivo  
ao sol das trevas, ao luar do coito.

Esse bicho da terra tão precário  
esse bicho com jeito de gameta  
bailarino que vai florir no ovário.

Esse bicho da terra tão minúsculo  
esse bicho esculpido pela morte  
depois da aurora e antes do crepúsculo.

Esse bicho da terra, esse lagarto  
que rasteja na glória e seus detritos  
e sonha entre as paredes do seu quarto.

Esse bicho que morre de improviso  
e vai bater às portas de Sodoma  
em busca do perdido paraíso.

O vento te desfolha  
a chuva te molha  
a árvore não brota  
a vida é uma bolha.

O tempo te vergasta  
a volúpia se gasta  
a platéia se afasta  
o sexo não te basta.

O poder te manobra  
a verdade soçobra  
o embuste é uma cobra  
o fraco rei se dobra.

O cinismo trapaceia  
na volta da maré cheia  
o pobre não vai à ceia  
porque suja a roupa alheia.

## MORTE DE ANTÔNIO CONSELHEIRO

*Ao amigo Nilto Maciel*

*A* tarde cambaleia nas pontas das escarpas.  
O vento acaricia as águas do Vaza-Barris.  
Canudos vai tocar os sinos da agonia.

Do Monte da Favela chegam balas e augúrios.  
O sol, jagunço com seu capuz de calcário,  
clareia os labirintos do inferno de Canudos.

Vultos de andarilhos flamejam nas estradas.  
Nuvens de poeira e de oração por cima dos casebres  
são dobras de um sudário cravejado de lágrimas.

A noite já se aproxima dos perfis de pedra  
que rodeiam as cercanias da cidade maldita.  
Os canhões da hierarquia abrem fendas no céu.

O arraial, transformado em santuário de heróis  
e mártires pelos canhões dos republicanos,  
lava a honra dos mortos em seus afluentes de sangue.

Uma rajada de balas dilacera o espaço  
sem fronteiras. As torres das igrejas demolidas  
desabam sobre o cadáver de Antônio Conselheiro.

Nenhuma voz se ergueu dos corpos mutilados.  
O vento dissipou ladainhas e augúrios.  
Canudos já não toca os sinos da agonia.

## DISCURSO DAS MEDALHAS

*A*s luas espetadas nas muralhas  
zombam dos homens  
e de suas medalhas.

Tuas vitórias  
onde estão tuas vitórias e os troféus  
que brilhavam no teu peito?

Onde estão os pensamentos dos que morreram  
nos campos de batalha?  
Onde estão as noivas dos soldados mortos?

Onde estão os fuzis e as espadas  
desses meninos, sepultados em valas clandestinas  
longe das mães e da pátria?

As vogais do teu epitáfio foram escritas  
com sangue. Ninguém já se lembra  
da cor de tuas medalhas.

As luas espetadas nas muralhas  
foram levadas por um vento forte.  
Perdeste a batalha da morte.



## SAPOS ELÉTRICOS

Sonhei que a cidade inteira  
fora invadida  
por sapos elétricos.

Sonhei que as moças acariciavam  
os sapos elétricos  
como se os tivessem parido.

Sonhei que as águas sumiram da terra  
porque os sapos elétricos  
beberam as vertentes dos rios.

Sonhei que um anjo de cauda de serpente  
hipnotizou os sapos elétricos  
com seu olhar de pássaro do inferno.

O homem é o mito  
do homem  
o sonho que não deu certo.

O homem é o déspota  
do homem  
o tiro que saiu pela culatra.

O homem é o vassalo  
do homem  
a flecha que não acertou o alvo.

O homem é o predador  
do homem  
o lagarto que devora o lagarto.

O homem é o carrasco  
do homem  
o sudário negro do enforcado.

## AOS MORTOS DO TIMOR LESTE

*U*m poema  
pelos duzentos  
mil mortos do Timor  
Leste. um poema com gosto  
de sangue e de terra molhada. um  
poema com veneno de cobra, escamas  
de peixe e dorso de lagarta. um poema com  
cio de tigre, asa de pássaro e vértebras de punhal.

um poema  
irrigado pelas  
vertentes e o cântico  
das fontes. um poema contem-  
plado pelas retinas do orvalho e aca-  
riciado pela sensualidade das abelhas. um  
poema cingido pelo diadema de espinhos da  
montanha em memória dos mortos do Timor Leste.

um poema  
pelas vozes silen-  
ciadas dos mortos do  
Timor Leste. um poema pelos  
campos que não foram semeados  
pelas espigas que não foram ceifadas  
um poema com perfume de chuva e de rosa  
silvestre pelos vivos e mortos do Timor Leste.

## CANÇÃO DO IMERGENTE

*Para Luís Carlos Guimarães*

*A* casa sem porta  
a porta sem trave  
a trave sem prego  
o prego sem ponta

a noite sem vela  
a vela sem chama  
o pote sem água  
o prato sem sopa

o copo sem leite  
o leite sem vaca  
a vaca sem rúmen  
o rúmen sem pasto

o quarto sem cama  
a cama sem homem  
o homem sem corpo  
o corpo sem rumo

a casa sem viga  
a viga sem telha  
a terra sem chuva  
a espiga sem grão

o lago sem peixe  
o peixe sem cauda  
a cauda sem brilho  
os olhos sem alma

o filho sem rede  
a rede sem fundo  
o morto sem rosto  
aos olhos do mundo.

## OS TRISTES E OS CONTRASTES

Enquanto o céu me entra pela janela  
e meus pensamentos emigram  
para lugares distantes  
alguém está morrendo de fome na África  
em algum lugar da terra  
onde os déspotas passeiam  
em suas carruagens à prova de fogo  
bebem vinho e absinto  
em taças de cristal, ou sucumbem aos punhais  
dos olhos de rapina das amantes.  
Enquanto os sonhos rodopiam  
os minutos nos escapam pela janela  
e as mil aparências da realidade se dissolvem  
na sensualidade dos espelhos.

## NINGUÉM É UM DEUS

O homem não é um deus acima  
de todas as coisas. Um deus  
à frente de um exército de escorpiões.

O homem não é um rei da estirpe  
do albatroz e dos relâmpagos.  
Um rei ungido pelas sacerdotisas de Apolo.

O homem não é uma cidadela de pedra  
guardada pelos dragões.

O homem é um fantasma, uma sombra  
de areia, um descendente da dinastia dos répteis.  
Uma nuvem que se acende e se apaga  
até que os pássaros da noite  
o precipitem nos abismos do mar.

*E*stou diante do muro  
nada me prova o contrário.  
Não sei se estou do lado de dentro  
ou do lado de fora do muro.  
Não sei o que existe por trás do  
muro, o que pensam  
e o que fazem os donos do muro.

Não sei que ciladas me aguardam  
ou se os olhos dos mortos  
me espreitam por trás do muro.  
Não sei se o muro é de pedra  
de silêncio ou de palavras.  
Não sei se os donos do muro  
sabem que existo. Sei que o muro  
é mais real do que a sombra do meu corpo.



## SER DE PEDRA

*N*inguém atravessa o muro  
(seu duro ser de pedra).  
O sol bate de rijo no muro  
e fragmenta-se em lascas de cristal.

O pássaro não ultrapassa o muro.  
Se vai de encontro a ele  
resta apenas uma nódoa de sangue  
pulsando nas veias da tarde.

O vento esbarra no muro  
as águas da chuva e dos rios  
as línguas do fogo, os olhos das feras.

Nada atravessa o muro.  
Só a esfinge da noite cavalga  
o seu duro ser de pedra.

## CRETINOS & SUÍNOS

Os cretinos são sempre sibilinos  
pastoreiam negócios clandestinos  
roubam o leite e a merenda dos meninos.

O povo é enganado pelos cretinos  
pelas roletas dos seus cassinos  
e pelos seus discursos libertinos.

Os cretinos são bichos citadinos  
cuidam dos cães e de seus desatinos  
e sabem dançar tangos argentinos.

Os suínos não são cretinos  
não passeiam nas limusines  
de certos déspotas latinos.

Velhos, meninos e nordestinos  
são massacrados pelos cretinos  
desde os tempos dos gibelinos.

## CANÇÃO DO POBRE

O pobre não é ninguém.  
Pobre é um rastro de sangue  
que o vento e a chuva apagam  
da memória da paisagem.

Pobre é a garrafa vazia  
que foi atirada ao mar.  
Ninguém mais se lembra dela  
nem do seu dorso azulado.

Pobre é semente podre  
jogada em cima da pedra.  
É a polpa corrompida  
da palavra pornográfica.

Pobre é sangue que jorra  
das veias de um sonho indômito.  
Pobre não tem memória  
mas tem a foice do vômito.

## TEMPO DOS VISIGODOS

No tempo dos visigodos  
os reis e seus rapsodos.

Reis e cavalos gordos  
no tempo dos visigodos.

Ladram versos e cachorros  
nos rastros dos visigodos.

Raposas e rapsodos  
no enalço dos visigodos.

Os letrados e eletrodos  
e espadas dos visigodos.

Plantei a insônia dos lobos  
nos olhos dos visigodos.

## COLEÇÃO ALAGADIÇO NOVO

- IRACEMA – José de Alencar – Edição fac-similada; UFC – 1983.  
FORTALEZA E A CRÔNICA HISTÓRICA – Raimundo Girão – UFC – 1983.  
TEMPOS HERÓICOS – Esperidião de Queiroz Lima – Reedição da 2ª parte do livro ANTIGA FAMÍLIA DO SERTÃO – UFC – 1984.  
AS VISÕES DO CORPO – Francisco Carvalho – UFC – 1984.  
CONTOS ESCOLHIDOS – Moreira Campos – 4ª Edição – UFC, 1984.  
DEZ ENSAIOS DE LITERATURA CEARENSE – Sâncio de Azevedo – UFC – 1985.  
O NORTECANTA – Martins d'Alvarez – 2ª Edição – UFC – 1985.  
TIBÚRCIO – O GRANDE SOLDADO E PENSADOR – Eusébio de Sousa – Edição Especial – UFC – 1985.  
O CRATO DE MEU TEMPO – Paulo Elpídio de Menezes – 2ª Edição – UFC – 1985.  
BUMBA-MEU-BOIE OUTROS TEMAS – Lauro Ruiz de Andrade – UFC – 1985.  
CANTO DE AMOR AO CEARÁ – Artur Eduardo Benevides – UFC – 1985.  
MUNDO PERDIDO – Fran Martins – 2ª Edição – UFC – 1985.  
ILDEFONSO ALBANO E OUTROS ENSAIOS – F. Alves de Andrade – UFC – 1985.  
POEMAS ESCOLHIDOS – Cruz Filho – UFC – 1986.  
REFLEXÕES SOBRE AUGUSTO DOS ANJOS – Antônio Martins Filho – UFC – 1987.  
GUSTAVO BARROSO – SOL, MAR E SERTÃO – Eduardo Campos – UFC – 1988.  
EXERCÍCIOS DE LITERATURA – Francisco Carvalho – UFC – 1989.  
POESIAS – 2ª Edição – Filguciras Lima – UFC – 1989.  
A RECEPÇÃO DOS ROMANCES INDIANISTAS DE JOSÉ DE ALENCAR – Ingrid Schwamborn – UFC – 1990.  
LITERATURA SEM FRONTEIRAS – Coordenadores: Helmut Feldmann e Teoberto Landim – UFC – 1990.  
1. UFC & BNB – Educação para o Desenvolvimento – Antônio Martins Filho – UFC – 1990.  
2. IMPÉRIO DO BACAMARTE – Joaryvar Macedo – 2ª Edição – UFC – 1990/1992.  
3. O MUNDO DE FLORA – Angela Gutiérrez – UFC – 1990.  
4. CRÔNICAS DA PROVÍNCIA DO CEARÁ – Manuel Albano Amorá – UFC – 1990.  
5. APOLOGIA DE AUGUSTO DOS ANJOS E OUTROS ESTUDOS – F.S. Nascimento – UFC – 1990.  
6. ESPELHO DE CRISTAL – Wilson Fernandes – UFC – 1990.  
7. MEDICINA MEU AMOR – CONTOS E CRÔNICAS – José Murilo Martins – UFC – 1991.  
8. O TERRITÓRIO DA PALAVRA – MEMÓRIA & LITERATURA – Carlos d'Alge – UFC – 1991.  
9. METAFÍSICA DAS PARTES – Carlos Gildemar Pontes – UFC – 1991.  
0. REINCIDÊNCIA – Cláudio Martins – UFC – 1991.  
1. CONCEITOS & CONFRONTOS – Heládio Feitosa e Castro – UFC – 1991.  
2. DESCRIÇÃO DA CIDADE DE FORTALEZA – Antônio Bezerra de Menezes – Introdução e Notas de Raimundo Girão – UFC – 1992.  
3. NOTURNOS DE MUCURIPE E POEMAS DE ÊXTASE E ABISMO – Artur Eduardo Benevides – UFC – 1992.  
4. NOVOS ENSAIOS DE LITERATURA CEARENSE – Sâncio de Azevedo – UFC – 1992.  
5. SECA, A ESTAÇÃO DO INFERNO – Teoberto Landim – UFC – 1992.  
6. FORTALEZA DESCALÇA – Otacílio de Azevedo – UFC – 1992.  
7. CRÔNICA DAS RAÍZES – Francisco Carvalho – UFC – 1992.  
8. A COLONIZAÇÃO PORTUGUESA DO CEARÁ – O POVOAMENTO – Vinícius Barros Leal – UFC – 1993.  
9. FORMAS E SISTEMAS DE GOVERNO – ITINERÁRIOS E QUESTIONAMENTO – André Haguette (Organizador) – UFC – 1993.  
0. HISTÓRIA ABREVIADA DE FORTALEZA E CRÔNICAS SOBRE A CIDADE AMADA – Mozart Soriano Aderaldo – UFC – 1993.  
1. ANDANÇAS E MARINHAGENS – Linhares Filho – UFC – 1993.  
2. TEMPOS E HOMENS QUE PASSARAM À HISTÓRIA – Tácito Theophilus – UFC – 1993.  
3. POESIAS INCOMPLETAS – Antônio Girão Barroso – UFC – 1994.  
4. FICÇÃO REUNIDA – Durval Aires, Dimas Macedo (Organizador) – UFC – 1994.  
5. O CÉU É MUITO ALTO – Lembranças – Blanchard Girão – UFC – 1994.  
6. SONATA DOS PUNHAIS – Francisco Carvalho – UFC – 1994.

47. MAR OCEANO – Fran Martins – 2ª edição – UFC – 1994.
48. SEARA – Luciano Maia – UFC – 1994.
49. MEUS EUS – Pedro Henrique Saraiva Leão – UFC – 1994.
50. A PADARIA ESPIRITUAL – Leonardo Mota – 2ª edição – Introdução e Notas de Sânzio de Azevedo – UFC – 1994.
51. CANTIGAS DO CORAÇÃO – Heládio Feitosa e Castro – UFC – 1995.
52. PROSA DISPERSA – Newton Gonçalves – UFC – 1995.
53. O OUTRO NORDESTE – Djacir Menezes – UFC – 1995.
54. LEITURA E CONJUNTURA – Dimas Macedo – UFC – 1995.
55. LOUVAÇÃO DE FORTALEZA – Lustosa da Costa – UFC – 1995.
56. TEXTOS E CONTEXTOS – Francisco Carvalho – UFC – 1995.
57. NOVOS RETRATOS E LEMBRANÇAS – Antônio Sales – UFC – 1995.
58. MARE ALTA – Yolanda Gadelha Theophilo – Imprensa Universitária – 1995.
59. TEORIA DA VERSIFICAÇÃO MODERNA – F.S. Nascimento – UFC – 1995.
60. ELOGIO AOS DOUTORES E OUTRAS MENSAGENS – Antônio Martins Filho – UFC – 1995.
61. COISAS IMPERFEITAS. (Escritos de Filosofia da Ciência) – José Anchieta Esmeraldo e Ru Verlaine Oliveira Moreira – UFC – 1996.
62. SITUAÇÕES E INTERPRETAÇÕES LITERÁRIAS – Pedro Paulo Montenegro – UFC – 1996.
63. MEMÓRIAS DE UM CAÇADOR DE ESTRELAS – Rubens de Azevedo – UFC – 1996.
64. OS CAMINHOS DA UNIDADE GERMÂNICA – Paulo Elpídio de Menezes Neto – UFC – 1996.
65. NO MUNDO DOS TREBELHOS – Ronald Câmara – UFC – 1996.
66. NADA DE NOVO SOB O SOL – Lúcia Fernandes Martins – UFC – 1996.
67. DIMENSÕES ESPIRITUAIS DA ESPANHA & OUTROS TEMAS – José Newton Alves de Sousa – UFC – 1996.
68. POESIA COMPLETA – Aluizio Medeiros – UFC – 1996.
69. ÁGUAS PASSADAS – Olga Stela Wouters – UFC – 1996.
70. CONCEITOS DE FILOSOFIA – Willis Santiago Guerra Filho – UFC – 1996.
71. RESGATE DE IDÉIAS – Estudos e Expressões Estéticas – Vianney Mesquita – UFC – 1996.
72. A RUA E O MUNDO – Fran Martins – UFC – 1996.
73. MEU MUNDO É UMA FARMÁCIA – José de Figueiredo Filho – UFC – 1996.
74. A PADARIA ESPIRITUAL E O SIMBOLISMO NO CEARÁ – Sânzio de Azevedo – UFC – 1996.
75. HISTÓRIA ABREVIADA DA UFC – Antônio Martins Filho – UFC – 1996.
76. O ESPANTALHO – Pedro Rodrigues Salgueiro – UFC – 1996.
77. A GRAMÁTICA DOPALADAR – *Antepasto de velhas receitas* – Eduardo Campos – UFC.
78. RAÍZES DA VOZ – Francisco Carvalho – UFC – 1996.
79. MISCELÂNEA – de garoto sertanejo a médico cardiologista – Heládio Feitosa e Castro – UFC – 1996.
80. REPASSE CRÍTICO DA GRAMÁTICA PORTUGUESA – Martinz de Aguiar – UFC – 1996.
81. FÚRIAS DO ORÁCULO: uma antologia crítica da obra de José Alcides Pinto – UFC – 1996.
82. TRÊS DIMENSÕES DA POÉTICA DE FRANCISCO CARVALHO – Ana Vládio Aires Mourão – UFC – 1996.
83. NO MUNDO DA LUA – Martins D'Alvarez – UFC – 1996.
84. NOVELO DE ESTÓRIAS – Hilda Gouveia de Oliveira – UFC – 1996.
85. AS QUATRO SERGIPANAS – Padre F. Montenegro – UFC – 1996.
86. POEMAS DA MEIA-LUZ – Hamilton Monteiro – UFC – 1996.
87. REBUSCAS E REENCONTROS – Linhares Filho – UFC – 1996.
88. ALENCAR, O PADRE REBELDE – J.C. Alencar Araripe – UFC – 1996.
89. RITMOS E LEGENDAS – Martins D'Alvarez – UFC – 1996.
90. O RETRATO DE JANO – Paulo Elpídio de Menezes Neto – UFC – 1996.
91. ROSTRO HERMOSO – Luciano Maia – UFC – 1996.
92. REFLEXÕES MONÍSTICAS SOBRE GEOGRAFIA E OUTROS TEMAS – Caio Lóssio Botelho – UFC – 1996.
93. ATRAVÉS DA LITERATURA CEARENSE – Crítica – Florival Seraine – UFC – 1996.
94. VIRGÍLIO TÁVORA: SUA ÉPOCA – Marcelo Linhares – UFC – 1996.
95. O INQUILINO DO PASSADO – Eduardo Campos – UFC – 1996.
96. POESIA REUNIDA – Otacílio Colares – UFC – 1996.
97. PALIMPSESTO & OUTROS SONETOS – Virgílio Maia – UFC – 1996.
98. MISSISSIPPI – Gustavo Barroso – UFC – 1996.
99. PORTUGAL E OUTRAS PÁTRIAS – Osmundo Pontes – UFC – 1996.

00. AS TRÊS MARIAS – Rachel de Queiroz – UFC – 1996.
01. DONA GUIDINHA DO POÇO – Oliveira Paiva – UFC – 1997.
02. ESCADARIAS NA AURORA – Artur Eduardo Benevides – UFC – 1997.
03. QUIXADÁ & SERRA DO ESTÊVÃO – José Bonifácio de Sousa – UFC – 1997.
04. CANÇÃO DA MENINA – Angela Gutierrez – UFC – 1997.
05. O SAL DA ESCRITA – Carlos d'Alge – UFC – 1997.
06. MATHIAS BECK E A Cia DAS ÍNDIAS OCIDENTAIS: o domínio holandês no Ceará colonial – Rita Krommen – UFC – 1997.
07. MENINO SÓ – Jáder de Carvalho – UFC – 1997.
08. UMA LEITURA ÍNTIMA DE DÓRA. DORALINA – A lição dos manuscritos – Italo Gurgel – UFC – 1997.
09. FICÇÕES – Martins d'Alvarez – UFC – 1997.
10. PRÍNCIPE, LOBO E HOMEM COMUM - (Análise das idéias de Maquiavel, Hobbes e Locke) – Rui Martinho Rodrigues – UFC – 1997.
11. GEOGRAFIA ESTÉTICA DE FORTALEZA – Raimundo Girão – UFC – 1997
12. CARTAS E POEMAS AO ANJO DA GUARDA – Rita de Cássia – UFC – 1997.
13. RIO SUBTERRÂNEO – José Costa Matos – UFC – 1997.
14. ADOLFO CAMINHA: Vida e Obra - Sânzio de Azevedo – UFC – 1997.
15. POEMAS DO CÁRCERE E ÂNSIA REVEL – Carlos Gondim - organização e introdução de Sânzio de Azevedo – UFC – 1997.
16. RIMAS – José Albano – UFC – 1997.
17. VOZ CEARÁ – Stella Leonardos – UFC – 1997.
18. GIRASSÓIS DE BARRO – Francisco Carvalho – UFC – 1997.
19. AS CUNHÁS – Milton Dias – UFC – 1997.
20. FORTALEZA: VELHOS CARNAVAIS – Caterina Maria de Saboya Oliveira – UFC – 1997.
21. NÓS SOMOS JOVENS – Fran Martins – UFC – 1997.
22. TRIGO SEM JOIO (seleção de poemas) – Otacílio de Azevedo – UFC – 1997.
23. UMA CEARENSE NA TERRA DOS *BITTE SCHÖN* – Regine Limaverde – UFC – 1997.
24. O PACTO ( Romance) – Stela Nascimento – UFC – 1997.
25. A POLÍTICA DO CORPO NA OBRA LITERÁRIA DE RODOLFO TEÓFILO – João Alfredo de Sousa Montenegro – UFC – 1997.
26. IMAGENS DO CEARÁ – Herman Lima – UFC – 1997.
27. EDITOR DE INSÔNIA E OUTROS CONTOS – José Alcides Pinto – UFC – 1997.
28. A CAPITAL DO CEARÁ – Geraldo da Silva Nobre – UFC – 1997.
29. MEMÓRIA HISTÓRICA DA COMARCA DO CRATO – Raimundo de Oliveira Borges – UFC – 1997.
30. CORPO MÍSTICO & OUTROS TEXTOS PARA TEATRO – Oswald Barroso – UFC – 1997.
31. AS VERDES LÉGUAS – Francisco Carvalho – UFC – 1997
32. AUTORES CEARENSES – Joaquim Alves – UFC – 1997.
33. IMAGINANDO ERROS – José Anchieta Esmeraldo Barreto, Rui Verlaine Oliveira Moreira (organizadores) – UFC – 1997.
34. O POÉTICO COMO HUMANIZAÇÃO EM MIGUEL TORGA – Linhares Filho – UFC – 1997.
35. DOIS DE OUROS – Fran Martins – UFC – 1997.
36. AUTA DE SOUZA – Jandira Carvalho – UFC – 1997.
37. NO *APRÈS-MIDI* DE NOSSAS VIDAS – Lustosa da Costa – UFC – 1997.
38. MAR VIOLETA, VIOLETA MAR – Fabiana Guimarães Rocha – UFC – 1997.
39. NÃO HÁ ESTRELAS NO CÉU – João Clímaco Bezerra – UFC – 1997.
40. SONETOS CEARENSES (poetas cearenses) – Hugo Victor – UFC – 1997.
41. IRACEMA – José de Alencar – UFC – 1997.
42. PIREU IDA E VOLTA & OUTRAS CRÔNICAS – Fran Martins – UFC – 1997.
43. UMA CHAMA AO VENTO – Braga Montenegro – UFC – 1997
44. O DISCURSO CONSTITUINTE/ Uma Abordagem Crítica – Dimas Macedo – UFC – 1997.
45. A ESCRITA ACADÊMICA (Acertos e Desacertos) – José Anchieta Esmeraldo Barreto e Vianney Mesquita – UFC – 1997.
46. A ESTRELA AZUL E O ALMOFARIZ: Exercícios de poesia e metapoesia – Horácio Dídimo – UFC – 1998.
47. RUA DA SAUDADE (POESIA) – Eduardo Fontes – UFC – 1998.
48. REMINISCÊNCIAS – Monsenhor José Quinderé – UFC – 1998.
49. A INSTITUIÇÃO NOTARIAL NO DIREITO COMPARADO E NO DIREITO BRASILEIRO – Regnoberto Marques de Melo Júnior – UFC – 1998.

150. CRÔNICAS DA MOCIDADE NO CEARÁ – Pires Saboia – UFC – 1998.
151. MÃO DE MARTELO E OUTROS CONTOS – Astolfo Lima Sandy – UFC – 1998.
152. A NOITE EM BABYLÔNIA E OUTROS RELATOS AO ETERNO - Poesia – Artur Eduard do Benevides – UFC – 1998.
153. ESTRELA DO PASTOR - Romance - Fran Martins - UFC - 1998.
154. A BORBOLETA ACORRENTADA-Contos-Eduardo Campos-UFC-1998.
155. HISTORIA ABREVIADA DE LA UFC-Antonio Martins Filho-UFC-1998.
156. GRACILIANO RAMOS-*Reflexos de Sua Personalidade na Obra*-Helmut Feldmann-UFC-1998.
157. OS CAMINHOS DA MUNICIPALIZAÇÃO NO CEARÁ-*Uma Avaliação*- Andr Haguette e Eloísa Vidal (*Organizadores*)-UFC-1998.
158. O CRUZEIRO TEM CINCO ESTRELAS-Romance-Fran Martins-UFC-1998.
159. MÉDICOS ESCRITORES E ESCRITORES MÉDICOS DA UFC - Geraldo Bezerra da Silva - UFC - 1998.
160. A VOLTA DO INQUILINO DO PASSADO - Segunda Locação - Memórias - Eduardo Campos - UFC - 1998.
161. O LIMO E A VÁRZEA - Poesia - Regine Limaverde - UFC - 1998.
162. TERRA BÁRBARA - Poesia - Jáder de Carvalho - UFC - 1998.
163. A GUERRA DOS PANFLETOS - História - Waldy Sombra - UFC - 1998.
164. ROMANCE DA NUVEM PÁSSARO - Poesia - Francisco Carvalho - UFC - 1998.
165. NOTÍCIA DO POVO CEARENSE - História - 2ª Edição - Yaco Fernandes - UFC - 1998.
166. A ÚLTIMA TESTEMUNHA - Romance - Elano Paula - UFC - 1998.
167. A INVENÇÃO DO DISCURSO AMBIENTAL - Ecologia - Eduardo Campos - UFC - 1998.
168. URBANIZAÇÃO E CULTURA POLÍTICA-*(A cidade de Fortaleza e o liberalismo cearense no século XIX)*-José Ernesto Pimentel Filho-UFC-1998.
169. PEDRAS DO ARCO-ÍRIS OU A INVENÇÃO DO AZUL NO EDITAL DO RIO -Poesia- Barros Pinho-UFC-1998.
170. CONTAGEM PROGRESSIVA-Reminiscências da Infância-Memórias-Caio Porfírio Carneiro-UFC-1998.
171. RACHE O PROCÓPIO! - Crônicas-Lustosa da Costa-UFC-1998.
172. O VENDEDOR DE JUDAS - Contos - Tércia Montenegro - UFC - 1998.
173. A CONSTRUÇÃO DEMOCRÁTICA - Ensaios - José Filomeno de Moraes Filho - UFC - 1998.
174. ALMA DE POETA - Poesia - Eduardo Fontes - UFC - 1998.
175. ESTUDOS TÓPICOS DE DIREITO ELEITORAL - Ensaios - Napoleão Nunes Maia Filho - UFC - 1998.
176. SALA DE RETRATOS - Poesia - Marly Vasconcelos - UFC - 1998.
177. A CONCHA IMPOSSÍVEL - Poesia - Napoleão Maia Filho - UFC - 1998.
178. RASGANDO PAPÉIS - Memórias - Tacito Theophilo Gaspar de Oliveira - UFC - 1998.
179. CRATO: LAMPEJOS POLÍTICOS E CULTURAIS - História - F. S. Nascimento -UFC - 1998.
180. NA TRILHA DOS MATUIÚS - Contos - José Costa Matos - UFC - 1998.
181. NADA NUEVO BAJO EL SOL - Novela - Lúcia Fernandes Martins - UFC - 1998.
182. GENTE NOVA - (Notas e Impressões) - Crítica - Mário Linhares - UFC - 1998.
183. TEMAS DE DIREITO ADMINISTRATIVO E TRIBUTÁRIO - Napoleão Nunes Maia Filho - UFC - 1998.
184. O GUARANI ERA UM TUPI?-*Sobre os romances indianistas O Guarani, Iracema e Ubirajara de José de Alencar*-Ingrid Schwamborn-UFC-1998.
185. A PRESENÇA DA POESIA NO MUNDO DOS NEGÓCIOS - Antônio Martins Filho - UFC - 1998.
186. NORTE MAGNÉTICO - Poesia - Sérgio Macedo - UFC - 1998.
187. REVOLUÇÃO POR CONSENTIMENTO - Valores ético-sociais do empresariado - União pelo Ceará político - 1962/CIC-1978 - José Flávio Costa Lima - UFC - 1998.
188. CANTO IMATERIAL - Poesia - Vanderley Moreira - UFC - 1998.
189. POR UM FIO - Contos - Sandra Maia - UFC - 1999.
190. ERA UMA VEZ - Poesia - Karla Karenina - UFC - 1999.
191. O PORTAL E A PASSAGEM - Poesia - Beatriz Alcântara - UFC - 1999.
192. POÇO DOS PAUS - Romance - 2ª Edição - Fran Martins - UFC - 1999.
193. CAPISTRANO DE ABREU - Biobibliografia - José Aurélio Saraiva Câmara - UFC - 1999.
194. UNIVERSIDADE - Caminho para o desenvolvimento - José Teodoro Soares - UFC - 1999.
195. PONTA DE RUA - Romance - 2ª Edição - Fran Martins - UFC - 1999.
196. MELANCHOLIA - (Antologia) - Sociedade de Belas Letras & Artes Academia da In certeza - UFC - 1999.



197. TEATRO - (Teatro Completo de Eduardo Campos)-VOL I - Eduardo Campos - UFC - 1999.
198. TEATRO - (Teatro Completo de Eduardo Campos) -VOL II - Eduardo Campos - UFC - 1999.
199. Para uma FILOSOFIA da FILOSOFIA (Conceitos de Filosofia) - Willis Santiago Guerra Filho - UFC - 1999.
200. CAMINHOS ANTIGOS E POVOAMENTO DO BRASIL - 3ª Edição - J. Capistrano de Abreu - UFC - 1999.
201. O GUARANI - José de Alencar - Romance - (Volume I) - UFC - 1999.
202. O GUARANI - José de Alencar - Romance - (Volume II) - UFC - 1999.
203. CARLOS BASTOS TIGRE- *O Guardião das Árvores* (Centenário) - Ilka Tigre/ Organizadora - UFC - 1999.
204. NORDESTE MÍSTICO-Império da Fé - *Ensaio sobre manifestações da religiosidade popular, no folclore e do sincretismo religioso do Nordeste* - Vilma Maciel e Célia Magalhães - UFC - 1999.
205. ROTEIRO BIOGRÁFICO DAS RUAS DO CRATO - J. Lindemberg de Aquino - UFC - 1999.
206. BRASIL, A EUROPA DOS TRÓPICOS - *500 anos rumo à Civilização Trópico-Equatorial* - Caio Lôssio Botelho - UFC - 1999.
207. VOZES DO SILÊNCIO - Poesia - Cecília Bossi - UFC - 1999.
208. ESTÂNCIA CEARENSE - Poesia - Márcio Catunda - UFC - 1999.
209. A SHORT HISTORY OF THE FEDERAL UNIVERSITY OF CEARÁ (UFC) – Antônio Martins Filho – UFC – 1999.
210. O ELEFANTE E OS CEGOS – José Anchieta Esmeraldo Barreto, Rui Verlaïne Oliveira Moreira (*Organizadores*) – UFC – 1999.
211. MANIPUEIRA – Contos – Fran Martins – UFC – 1999.
212. REENCONTRO – Contos – Glória Martins – UFC – 1999.
213. LOUVADO SEJA TAMBÉM O PEIXE (crônicas) – Ciro Colares – UFC – 1999.
214. A LEI 4.320 – COMENTADA AO ALCANCE DE TODOS (Direito Financeiro) – Afonso Gomes Aguiar – UFC – 1999.
215. DIREITO PROCESSUAL – QUATRO ENSAIOS – Napoleão Nunes Maia Filho – UFC – 1999.
216. CANTOS DA ANTEVÉSPERA – Sânzio de Azevedo – UFC – 1999.
217. NOITE FELIZ (Contos) – Fran Martins – UFC – 1999.
218. O PRANTO INSÓLITO – Eduardo Campos – UFC – 1999.
219. PALAVRAS AOS QUE AINDA OUVEM (Discursos) – Raimundo Bezerra Falcão – UFC – 1999.
220. LUSO-BRASILIDADES - NOS 500 ANOS – Dário Moreira de Castro Alves – UFC – 1999.
221. FEITOSAS - GENEALOGIA - HISTÓRIA - BIOGRAFIAS - Aécio Feitosa - UFC - 1999.
222. CANUDOS - Poema dos Quinhentos - Carlos Newton Júnior - UFC - 1999.
223. PERSONAS - Notas de Um Bibliófilo Cearense - José Bonifácio Câmara - UFC - 1999.
224. DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: Em busca da operacionalização - Manoel do Nascimento Barradas (Organizador) - UFC - 1999.
225. COMEÇAR DE NOVO: Romance - Elano Paula - UFC - 1999.
226. COMO ME TORNEI SEXAGENÁRIO - Lustosa da Costa - UFC - 1999.
227. PODER JUDICIÁRIO - A Reforma Administrativa Possível (Algumas Reflexões) - Cândido Bittencourt de Albuquerque - UFC - 1999.
228. ORÁCULO - Magdalena Sá - UFC - 1999.
229. CHICO CALDAS. O Patriarca de Viçosa do Ceará - João Severiano Caldas da Silveira - UFC - 1999.
230. UMA VIDA CONTRA HITLER - Hermann M. Gørgen - UFC - 1999.
231. A CONCHA E O RUMOR - Francisco Carvalho - UFC - 2000.

**FICHA TÉCNICA**

**EDITORACÃO E PROJETO GRÁFICO**  
**Carlos Alberto A. Dantas**

**TIPO E CORPO/ENTRELINHA**  
**Garamond TC Bk BT 13/15**

**EQUIPAMENTOS**  
**PC PENTIUM**  
**PageMaker v. 6.5**  
**Impressora HP Laser Jet 1100 600 dpi**

**REVISÃO DE PROVAS**  
**Francisco Carvalho**

**PRODUÇÃO GRÁFICA**  
**Imprensa Universitária**



Impressão e Acabamento Imprensa Universitária da  
Universidade Federal do Ceará - UFC  
Av. da Universidade, 2932 – Caixa Postal 2600  
Fone/Fax: 0xx (85) 281.3721 – Fortaleza – Ceará – Brasil

